



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Construções Ergativas e Médias: Uma Distinção em Termos Aspectuais e Semânticos

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística
Linha de Pesquisa – Gramática: Teoria e Análise

Cristiany Fernandes da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Rozana Reigota Naves

Brasília, 2011



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Construções Ergativas e Médias: Uma Distinção em Termos Aspectuais e Semânticos

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística
Linha de Pesquisa – Gramática: Teoria e Análise

Cristiany Fernandes da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Rozana Reigota Naves

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de MESTRE em Linguística.

Brasília, 2011

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Rozana Reigota Naves – UnB
Orientadora

Profa. Dra. Teresa Cristina Wachowicz – UFPR
Membro Externo

Profa. Dra. Helena da Silva Guerra Vicente – UnB
Membro Interno

Profa. Dra. Marina Maria Silva Magalhães – UnB
Suplente

A todos que se encantam pelas Letras

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, aos meus irmãos e familiares. Obrigada por tudo.

Aos meus amigos, obrigada pelo apoio.

À orientadora deste trabalho, professora Dra. Rozana Reigota Naves, pelo empenho em sua orientação e pelo exemplo pessoal e profissional. Sinceramente agradeço todas as leituras que fez deste trabalho, os comentários e as contribuições.

Aos professores participantes da banca examinadora, professoras doutoras Teresa Cristina Wachowicz, Helena da Silva Guerra Vicente e Marina Maria Silva Magalhães, por terem aceito o convite, por terem lido este trabalho e pelas contribuições.

Aos meus professores da graduação e da pós-graduação, pelos momentos de aprendizagem e aos professores Virgílio Almeida e Heloísa Salles, pelo incentivo.

A todos os funcionários do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, pela atenção e pronto atendimento de sempre.

À minha turma de Mestrado, pelos momentos de descontração, conversas e amizade: Ana Terra Mejia, Beatriz Carneiro, Débora Mendonça, Jaqueline Marinho, Márcia Osória, Marisa Lima, Moacir Junior, Wanderson Bomfim e Zenaide Dias.

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro.

A todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho, meu muitíssimo obrigada.

*É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la,
teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.*

Fernando Pessoa

RESUMO

Esta dissertação analisa as alternâncias ergativa e média a partir das propriedades descritas pela literatura para cada uma dessas estruturas e das configurações sintáticas de duas classes de verbos, *abrir* e *pintar*. Ambas as classes admitem uma sentença transitiva com um argumento Agente/Causa e um Tema, como em *João abriu a porta* e *João pintou a janela*. Todavia, enquanto a classe dos verbos de *abrir* admite tanto a alternância ergativa (*A porta abriu*) como a média (*Essa porta abre facilmente*), a classe dos verbos de *pintar* permite apenas a alternância média (*Essa janela pinta facilmente*), isto é, as sentenças ergativas com verbos desse tipo são agramaticais (**A janela pintou*). Adotamos os pressupostos teóricos da gramática gerativa e a hipótese segundo a qual a estrutura argumental do verbo está relacionada com sua estrutura conceitual lexical (LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 2008; SALLES & NAVES, 2009). Com base nesse referencial e nos fatos empíricos observados, discutimos as propriedades das sentenças ergativas e médias de modo a reduzi-las a apenas duas: uma aspectual, relativa à interpretação de evento ou estado, e uma semântica, relativa à interpretação de Modo/Instrumento.

Palavras-chave: Construção ergativa, Construção média, Aspecto lexical, Papéis Temáticos, Gramática Gerativa

ABSTRACT

This dissertation analyzes ergative and middle alternations in light of the properties described by the literature for each one of these structures and also in light of the syntactic configurations of two classes of verbs, the *open*-like class and the *paint*-like class. Both classes admit a transitive sentence with an Agent/Cause argument and a Theme argument, as in *John opened the door* and *John painted the window*. However, *open*-like verbs admit both the ergative (*The door opened*) and the middle alternations (*This door opens easily*), unlike *paint*-like verbs, which are found only in the middle alternation (*This window paints easily*), i. e., ergative sentences with this type of verbs are ungrammatical (**The window painted*). We adopt the theoretical foundations of generative grammar and the assumption that the argument structure of a verb is related to its lexical conceptual structure (LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 2008; SALLES & NAVES, 2009). Under this theoretical approach and the observed empirical facts, we discuss the properties of middle and ergative sentences in order to reduce them to only two: an aspectual one, concerning the interpretation of event or state, and a semantic one, concerning the interpretation of Manner/Instrument.

Key Words: Ergative construction, Middle construction, Lexical Aspect, Thematic Roles, Generative Grammar

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
SUMÁRIO.....	9
CAPÍTULO 1	11
INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Apresentação do Problema	11
1.2 Objetivos.....	13
1.3 Justificativa	14
1.4 Organização da Dissertação.....	17
CAPÍTULO 2	18
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1 Introdução.....	18
2.2 A Faculdade da Linguagem e a Gramática Gerativa.....	18
2.3 Modelos de Gramática.....	20
2.4 Síntese do Capítulo.....	27
CAPÍTULO 3	28
PROPRIEDADE ASPECTUAL: EVENTOS <i>vs.</i> ESTADOS	28
3.1 Introdução.....	28
3.2 Eventos e Estados: Conceitos e Propriedades Gerais.....	28
3.3 A Oposição Eventos <i>vs.</i> Estados em Testes	33
3.3.1 Teste 1: Progressivo	36
3.3.2 Teste 2: Imperativo.....	38
3.3.3 Teste 3: Modificadores e Expressões Temporais	40
3.3.4 Teste 4: Contexto de Clivada, Verbo Aspectual e Verbo de Percepção	41
3.3.5 Teste 5: Quantificações	42
3.4 (A)temporalidade, Interpretação Genérica/Episódica e Modificadores	43
3.5 Síntese do Capítulo.....	47
CAPÍTULO 4	49
PROPRIEDADE SEMÂNTICA: MODO/INSTRUMENTO	49
4.1 Introdução.....	49
4.2 Agente Implícito em Construções Médias	49
4.2.1 Análises Pré-Sintáticas	50
4.2.2 Análises Sintáticas.....	52
4.2.3 Análises Pós-Sintáticas.....	53
4.3 Problematização dos Testes.....	55
4.3.1 Teste 1: Controle de PRO.....	55
4.3.2 Teste 2: Clítico <i>se</i>	58
4.3.3 Teste 3: Advérbios Agentivos	62

4.3.4 Teste 4: Co-ocorrência com <i>all by itself</i>	65
4.3.5 Teste 5: Co-ocorrência com Sintagma Instrumental	66
4.3.6 Teste 6: <i>By-phrases</i> e <i>For-phrases</i>	67
4.4 Síntese do Capítulo.....	69
CAPÍTULO 5	70
CONSTRUINDO UMA PROPOSTA DE ANÁLISE	70
5.1 Introdução.....	70
5.2 <i>Abrir vs. Pintar</i>	70
5.3 A Sufixação em <i>-or</i> : Evidências para a Alternância dos Verbos	73
5.3.1 Verbos Formados por Nomes de Instrumento.....	76
5.3.2 As Terminações <i>-or</i> e <i>-nte</i>	80
5.3.3 Verbos Polissêmicos.....	80
5.4 Derivação das Sentenças Ergativas e Médias.....	82
5.5 Síntese do Capítulo.....	84
CONCLUSÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do Problema

Esta dissertação, denominada *Construções Ergativas e Médias: Uma Distinção em Termos Aspectuais e Semânticos*, foi desenvolvida no âmbito do programa de Mestrado em Linguística da Universidade de Brasília e insere-se na linha de pesquisa *Gramática: teoria e análise*.

O fenômeno das alternâncias sintáticas é bastante produtivo e muitos são os trabalhos que destacam esse tema. Examinaremos as alternâncias ergativa e média, focando duas classes de verbos: os do tipo de *abrir* e os do tipo de *pintar*, que possuem comportamentos distintos quanto às suas configurações sintáticas. Ambas as classes de verbos selecionam um argumento Agente/Causa e um argumento Tema, mapeados, respectivamente, como sujeito e objeto de uma construção transitiva, com interpretação causativa, como está exemplificado em (1a) e (2a). Do ponto de vista da alternância sintática, essas duas classes de verbos expressam um comportamento distinto: *abrir* alterna nas formas ergativa e média (cf. (1b) e (1c)), enquanto *pintar* alterna somente na forma média (cf. (2c), em oposição à agramaticalidade de (2b), uma sentença ergativa).¹

(1) a. João abriu a porta.

b. A porta abriu.

c. Essa porta abre facilmente.

(2) a. João pintou a janela.

b. *A janela pintou.

c. Essa janela pinta rapidamente.

¹ Para não tornar exaustiva e repetitiva a análise, tomamos *abrir* e *pintar* como representantes de uma classe maior de verbos que devem apresentar um mesmo comportamento sintático e semântico. Estão na mesma classe de *abrir*, entre outros, os verbos *quebrar*, *derreter*, *secar*, *afundar*, *furar*, *congelar* e *fechar*. Estão na classe de *pintar*, entre outros, os verbos *cortar*, *lavar*, *varrer*, *construir*, *esculpir* e *escrever*.

Diante desses fatos empíricos, levantamos a questão de pesquisa: o que permite que os verbos da classe de *abrir* participem das alternâncias ergativa e média, enquanto os verbos da classe de *pintar* admitam apenas a alternância média? Trabalharemos com as propriedades definidoras de construções ergativas e médias, a fim de entender o porquê do comportamento sintático distinto desses verbos.

Construções ergativas apresentam (cf. WHITAKER-FRANCHI, 1984; SOUZA, 1999; CIRÍACO, 2007):

- (i) Interpretação de evento;
- (ii) Descrição de tempo pontual;
- (iii) Argumento interno afetado;
- (iv) Causa potencialmente externa.

Por outro lado, construções médias possuem certas características que garantirão a sua interpretação como tal. As mais comumente apontadas na literatura são (cf. RODRIGUES, 1997; CAMBRUSSI, 2007):²

- (i) A interpretação da sentença é estativa;
- (ii) O tempo descrito na sentença é não pontual;
- (iii) Há a interpretação de uma propriedade genérica associada ao argumento na posição de sujeito;
- (iv) Há a interpretação de um Agente implícito;
- (v) De modo geral, tem-se a presença de um modificador.

Souza (1999), adaptando proposta de Levin & Rappaport-Hovav (1995) para a alternância ergativa, propõe que os predicados expressam:

- (i) Causas internas;
- (ii) Causas estritamente externas;
- (iii) Causas potencialmente externas.

² A sentença média é referida, usualmente, como medial. Nesta dissertação, adotamos o termo “média”.

Em outras palavras, (i) remete-nos aos verbos que expressam processos involuntários, como *florescer*, e corporais, como *respirar*. Para Souza, os verbos dessa classe são os tipicamente não alternantes, pois são causados internamente. Por sua vez, (ii) refere-se aos eventos em que a mudança de estado ocorrida é causada por um ente envolvido externamente no processo. Esses predicados não são capazes de formar sentenças ergativas. É o caso dos verbos do tipo de *pintar* e *escrever*. Por fim, (iii) remonta aos verbos que sofrem alternância ergativa, como *abrir* e *quebrar*. Segundo Souza, quando se diz, por exemplo, que *a porta abriu* não se está atribuindo a mudança de estado da porta a nada externo a ela, isto é, a porta pode ter aberto por si só ou por outro motivo, por isso se diz que é um evento de causa potencialmente externa:

(3) a. Eu empurrei a porta e a porta abriu.

b. Eu fechei a porta, mas a porta abriu. (SOUZA, 1999, p. 96)

A distinção que Souza faz entre os verbos do tipo de *pintar* e *escrever*, que se referem a causas estritamente externas, e de *abrir* e *quebrar*, que remetem a causas potencialmente externas, é relevante para nós no sentido em que esse fato influi na configuração sintática dos argumentos do verbo.

1.2 Objetivos

Ao longo deste trabalho, discutiremos as características de sentenças ergativas e médias a fim de restringi-las a apenas duas propriedades: uma aspectual e outra semântica.³

(i) Propriedade Aspectual → Eventos vs. Estados: sentenças ergativas expressam eventos e sentenças médias expressam estados. Propomos que essa distinção explica certas propriedades atribuídas às sentenças médias – atemporalidade, interpretação genérica e presença de modificadores – em oposição às sentenças ergativas, que têm

³ A razão pela qual distinguimos, neste trabalho, propriedades aspectuais de semânticas é apenas descritiva. Propriedades aspectuais são também semânticas, mas nem toda propriedade semântica é de natureza aspectual.

tempo marcado, possuem uma interpretação episódica, indicando um acontecimento, e não pressupõem a presença de modificadores.⁴

(ii) Propriedade Semântica → Modo/Instrumento: os verbos do tipo de *pintar* possuem em sua estrutura conceitual lexical a informação de Modo/Instrumento, contrariamente, aos verbos do tipo de *abrir* (cf. SALLES & NAVES, 2009). A interpretação de Agente Implícito, típica das sentenças médias, é decorrente, segundo nossa análise, da propriedade de Modo/Instrumento.

Essa análise encontra respaldo em Naves (2005). Segundo a autora, existe uma hierarquia entre os traços que a gramática leva em consideração no mapeamento do léxico para a sintaxe. O primeiro traço acessado é o referente à propriedade aspectual do predicado e o segundo, à propriedade semântica.⁵

1.3 Justificativa

A distinção entre sentenças médias e ergativas tem gerado debate entre os teóricos. Para Perini (2008), essas sentenças são construções de mesma diátese verbal, ou seja, tanto em sentenças médias quanto em ergativas há a demissão do argumento externo e a promoção do argumento interno para a posição de sujeito. Por isso, o autor afirma que não se deve considerar essas sentenças independentemente já que se tratam de um mesmo fenômeno sintático. Entretanto, existem verbos que não formam sentenças ergativas, mas apenas médias, e esse nos parece ser o caso de uma investigação mais apurada, que considere as particularidades de cada uma das estruturas e dos verbos alternantes e não alternantes.

Para atestar que existe movimento do argumento interno, considera-se a possibilidade de predicados resultativos ocorrerem nessas sentenças. Os predicados resultativos só se aplicam a objetos, descrevendo um estado resultante.⁶ Esse tipo de

⁴ Como veremos no Capítulo 3, a interpretação genérica e a interpretação episódica estão relacionadas com o argumento interno em posição de sujeito em seus papéis de expressar uma propriedade inerente, no caso das médias, ou uma afetação, no caso das ergativas.

⁵ Naves (2005) atribui essa ideia de haver uma hierarquia entre traços aspectuais e semânticos a Lobato (em comunicação pessoal à autora).

⁶ Predicados resultativos não podem ser predicados de sujeito. Os verbos inergativos mostram a impossibilidade de os sintagmas resultativos serem predicados do sujeito lógico das sentenças.

predicado é muito comum no inglês. Os predicados resultativos destacados nas sentenças abaixo são aceitos em contexto de sentenças médias e ergativas:⁷

(4) Médias

- a. This bread cuts *into thin slices* easily. (HALE & KEYSER, 1987, p. 11)
- b. Those cookies break *into pieces* easily. (CARRIER & RANDALL, 1992, p. 191)
- c. This table wipes *clean* easily. (LEVIN, 1995, p. 40)
- d. This metal hammers *flat* easily. (JACKENDOFF & GOLBERG, 2002, p. 536)

(5) Ergativas

- a. The pot broke *to pieces*. (HALE & KEYSER, 1987, p. 11)
- b. The river drained *dry*. (TENNY, 1987, p. 220)
- c. The bottle broke *open*. (LEVIN, 1995, p. 52)

Quanto a esse teste, existe uma discussão na literatura sobre se o português apresenta ou não construções resultativas.⁸ Foltran (1999) apresenta o dado em (6) como exemplo de predicado resultativo, em que *curto* descreve o estado final de *o cabelo*.

- (6) Ela cortou o cabelo *curto*. (FOLTRAN, 1999, p. 130)

Em consonância com Lobato (2004), diremos que em casos específicos a sentença resultativa pode aparecer em sentença ergativa:⁹

A expressão resultativa *sick* em (ia) não tem um objeto para predicar, diferentemente de (ib). O mesmo vale para as sentenças em (ii).

- (i) a. *Those teenagers laughed *sick*.
- b. Those teenagers laughed *themselves sick*. (CHUNG, 1996, p. 286)
- (ii) a. *My brother ran ragged.
- b. I ran *my brother ragged*. (HALE & KEYSER, 1987, p. 11)

⁷ Todos os destaques nos exemplos, quando não especificados, são nossos. Dados retirados de trabalhos de outros autores ou da internet estão especificados. Dados sem referência são de nossa autoria.

⁸ Para mais detalhes, conferir trabalhos de Foltran (1999), Lobato (2004), Leite (2006) e Barbosa (2008).

⁹ Interessante notar que predicados resultativos não licenciam a alternância ergativa com verbos do tipo de *pintar*, como exemplifica (i). Deixaremos esta questão para pesquisas futuras.

- (i) a. *A casa pintou amarela.
- b. *O chão varreu limpo.
- c. *O cabelo cortou curto.

- (7) a. A manteiga congelou *torta*.
b. O rio congelou *solidíssimo*. (LOBATO, 2004, p. 153-168)

Em contexto de sentença média, sugerimos o seguinte exemplo:

- (8) Vaso de cristal (se) quebra facilmente *em pedaços*.

Outra evidência com relação ao movimento do argumento interno são sentenças passivas, que apresentam um objeto movido, em posição de sujeito gramatical, e um predicado resultativo, como está em (9a-c) com dados do inglês. Um exemplo do português é apresentado em (9d).

- (9) a. *The shed* was painted *red*.
b. *The bones* were all picked *clean* by the dog. (LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p. 39)
c. *The tools* were wiped *clean*. (LEITE, 1996, p. 62)
d. *O cabelo* foi cortado *curto*.

Retomando a discussão sobre a distinção entre ergativas e médias, Levin (1993, p. 26) apresenta as suas justificativas a favor da existência de uma alternância ergativa e de uma alternância média, baseando-se no comportamento distinto dos verbos:¹⁰

[...] *there has been some debate in the literature about whether there really is a middle alternation that is distinct from the transitive/inchoative alternation or whether there is a single alternation. Verbs that display the transitive/inchoative alternation are found in the middle alternation, but there is a number of verbs found in the middle construction that do not display the transitive/inchoative alternation.*

Ciríaco (2007, 2011) também destaca que sentenças ergativas e médias possuem algumas semelhanças, mas as dessemelhanças entre essas construções ainda seriam consideráveis, ou seja, para a autora, o fato de sentenças ergativas e médias expressarem significados distintos já seria um argumento suficiente para tratá-las separadamente.

¹⁰ Sentenças ergativas também são chamadas de incoativas ou inacusativas. Nesta dissertação, usaremos o termo “ergativa”.

Para efeitos deste trabalho, consideraremos que sentenças médias e ergativas expressam eventos distintos do ponto de vista da leitura que se faz delas e das propriedades que definem cada uma das estruturas. Com isso, não estamos afirmando que uma análise unificada entre estruturas médias e ergativas não seja possível, mas sim que essas sentenças possuem características peculiares que devem ser levadas em conta e que, segundo nosso ponto de vista, podem ser agrupadas sob um traço aspectual e um traço semântico.

Assim, esta pesquisa justifica-se por ser um estudo que contribuirá para o entendimento do comportamento de duas classes de verbos, *abrir* e *pintar*, em relação às suas estruturas conceituais lexicais e as suas possibilidades de alternância, e por propor um conjunto menor de propriedades que sejam capazes de explicar a formação das sentenças ergativas e médias. Esse objetivo decorre da interpretação de que caracterizar construções ergativas e médias a partir de um grande número de propriedades torna, teoricamente, a questão mais dispendiosa do ponto de vista da análise e de uma gramática minimalista.

1.4 Organização da Dissertação

A dissertação como um todo é organizada da seguinte maneira: no Capítulo 1 (introdução), apresentamos o problema e a forma como o analisaremos, ou seja, discutindo as propriedades de sentenças ergativas e médias e mostrando que elas podem ser reduzidas a apenas duas: uma propriedade aspectual e uma propriedade semântica.

No Capítulo 2, introduzimos nossa fundamentação teórica, que é pautada nos desenvolvimentos da Gramática Gerativa.

O Capítulo 3 aborda questões referentes ao aspecto verbal a partir da oposição entre eventos e estados e de testes que identificam predicados eventivos e estativos.

No Capítulo 4, trazemos um resumo das teorias sobre a interpretação de Agente implícito em sentenças médias e os testes sintáticos que identificam essa característica.

Apresentamos nossa proposta no Capítulo 5, mostrando evidências em favor dela. Por fim, registramos as conclusões finais.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Introdução

A fundamentação teórica desta dissertação é pautada nas bases da Gramática Gerativa e em seus desenvolvimentos recentes.

2.2 A Faculdade da Linguagem e a Gramática Gerativa

Para a Gramática Gerativa, a linguagem é um componente inato ao ser humano. Trabalhos realizados sob esse referencial tiveram início a partir das pesquisas realizadas por Chomsky (1957). Seus estudos tratam a linguagem como uma faculdade biologicamente determinada.

O argumento de Chomsky para afirmar que a faculdade da linguagem é um produto genético e inerente à espécie humana se baseia no fato de crianças muito pequenas, em situações normais de crescimento, serem completamente competentes em suas línguas maternas, apesar de estarem submetidas a estímulos inicialmente fragmentados e dispersos – argumento da pobreza de estímulo. O estágio inicial da gramática de uma criança que vai adquirir uma língua é denominado, em teoria gerativa, de Gramática Universal, GU. De acordo com essa visão, estaríamos habilitados a aprender qualquer língua.

A Hipótese Inatista da linguagem é a resposta de Chomsky para a pergunta de como as crianças aprendem uma língua. O objetivo da Gramática Gerativa é justamente determinar o tipo de conhecimento linguístico presente na mente do falante, partindo de sua gramática internalizada, a GU. Tomando a explicação encontrada em Hornstein; Nunes; Grohmann (2005, p. 3), temos:

Kids come biologically equipped with a set of principles for constructing grammars – principles of Universal Grammar (UG). These general principles can be thought of as a recipe for “baking” the grammar of a particular language G_L by combining, shifting, sorting, and stirring the primary linguistic data in specifiable ways. Or, to make the same point less gastronomically, UG can be thought

of as a function that takes PLD [Primary Linguistic Data] as input and delivers a particular grammar (of English, Brazilian Portuguese, German, etc.), a G_L , as output.

A ideia é que a criança em um estágio zero da aquisição (S_0), em que há apenas a GU, ao entrar em contato com os Dados Linguísticos Primários (*Primary Linguistic Data* – PLD) gera a gramática de sua própria língua, a G_L , como está representado em (10):

(10) $PLD \rightarrow GU \rightarrow G_L$

(HORNSTEIN; NUNES; GROHMANN, 2005, p. 4)

Vale ressaltar a distinção feita por Chomsky entre a competência e o desempenho do falante em relação a seu componente linguístico. Competência é o conhecimento que o falante tem da sua língua, e a forma como ele a utiliza é chamada de desempenho. Sobre a competência gramatical do falante, Lobato (1986, p. 48) afirma:

Qualquer pessoa que tenha aprendido uma língua internalizou um sistema de regras que relaciona o som e o significado, para cada uma das frases possíveis nessa língua. Esse sistema abstrato de regras mentalizadas por um indivíduo coincide, então, com seu conhecimento da língua, isto é, com sua competência lingüística. Podemos também considerar o sistema abstrato de regras mentalizadas não com relação a um indivíduo, mas em relação à língua como um todo. Nesse caso, o sistema abstrato corresponderá à gramática dessa língua, denominada gramática particular. Gramática, portanto, significa, aqui, o sistema abstrato e finito de regras de uma língua, que permite gerar um conjunto infinito de seqüências da língua.

O modelo de Gramática Gerativa que se propõe a dar conta do processamento da linguagem, ou seja, de como as sentenças são geradas no cérebro, vem sendo modificado a fim de atender o caráter descritivo e o caráter explicativo que as línguas requerem (CHOMSKY, 1998, p. 24):

Uma genuína teoria da linguagem humana tem de satisfazer duas condições: “adequação descritiva” e “adequação explicativa”. A condição de adequação descritiva vigora para a gramática de uma língua em particular. A gramática satisfaz essa condição na medida em que dá uma explicação completa e exata das propriedades da

língua, daquilo que o falante sabe da língua. A condição de adequação explicativa vigora para a teoria geral da linguagem, a gramática universal. Para satisfazer essa condição, a gramática universal tem de mostrar que cada língua é uma manifestação específica do estado inicial uniforme, dele derivada sob as “condições de fronteira”, cujas opções são fixadas pela experiência.

Apresentamos a seguir, alguns dos desenvolvimentos do modelo de Gramática Gerativa.

2.3 Modelos de Gramática

A gramática gerativa tem passado por desenvolvimentos e adequações. No modelo de *Syntactic Structures* (1957), Chomsky concebe a língua como um mecanismo capaz de especificar orações gramaticais e associá-las a descrições estruturais. O padrão de investigação das gramáticas das línguas é baseado em dois componentes: um que forma expressões e outro que as transforma, por isso uma gramática transformacional.¹¹ Um terceiro componente, chamado de morfofonêmico, era responsável pela leitura fonológica da sentença (BORGES, 2005).

A teoria segue seus desenvolvimentos com a publicação de *Aspects of Theory of Syntax* (CHOMSKY, 1965). Desenvolve-se um novo modelo de gramática intitulado de Teoria Padrão. Essa teoria é baseada em regras gramaticais, o que significa entender as gramáticas das línguas como um sistema de regras que têm entre si um conjunto restrito de operações. Assim, para o português teríamos um conjunto de regras fixas para a formação de sentenças. Uma sentença como *Joana colocou o livro na estante* obedeceria à seguinte regra de formação de sentença:¹²

(11) $S \rightarrow SN \text{ Aux } SV \text{ SN } SP$

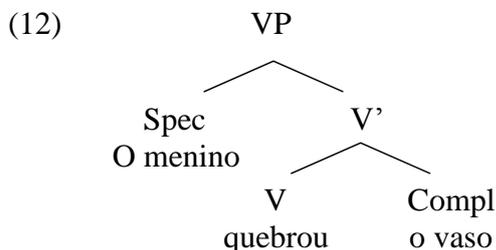
Nesse modelo, as línguas utilizam somente dois tipos de regras: as regras de reescrita categorial, que dizem respeito a que elementos cada classe de verbo seleciona (o verbo *colocar* mencionado acima, por exemplo, seleciona SN e SP), e as regras transformacionais (regras de movimento basicamente), que são responsáveis pela derivação das sentenças.

¹¹ Nessa época, a Gramática Gerativa era conhecida como Gramática Gerativa Transformacional (CHOMSKY, 1957).

¹² *Aux* refere-se ao tempo da sentença, nesse caso, o passado.

Na Teoria Padrão, o modelo de gramática contém os componentes sintático, semântico e fonológico. O primeiro é responsável pela geração das sentenças e contém, além do léxico, as regras de reescrita categorial. Os dois últimos componentes, de cunho interpretativo, são responsáveis, respectivamente, pelas interpretações semântica e fonética das sentenças. Em relação à estrutura argumental, a ideia é que cada verbo está associado a uma estrutura sintática. As informações compartilhadas por uma determinada classe de verbo, chamadas de subcategorizações, descrevem, em função do seu significado, os contextos sintáticos em que determinado item lexical ocorre. Existe, então, uma relação estreita entre a sintaxe e a semântica lexical.

O desenvolvimento do programa gerativista segue com a reformulação da gramática transformacional. Surge o modelo da Teoria Padrão Estendida, que traz novos suportes à teoria, sendo o principal deles o da Teoria X-Barra, módulo da gramática que permite representar constituintes, ou seja, a forma hierárquica de organização dos sintagmas. O verbo se liga, primeiramente, a seu complemento (argumento interno) e depois a seu especificador (argumento externo), como em (12). Essa estrutura tem caráter universal.



Saem, portanto, as regras sintagmáticas e entra a Teoria X-Barra. Argumenta-se que a necessidade dessa implementação surge pelo fato de as regras sintagmáticas, como a que foi descrita em (11), não caracterizarem verdadeiramente as estruturas das línguas, não terem caráter universal e tão somente representarem a formação de sentenças. Além disso, não existe qualquer restrição no que diz respeito ao funcionamento dessas regras. Esse novo modelo permite que os pressupostos básicos da teoria gerativa sejam vistos não mais como um sistema de regras que integram diferentes componentes, e sim como princípios presentes na GU. Reduzem-se as regras transformacionais a apenas uma, Mover α , que trata do movimento dos constituintes em geral.

Paralelamente às inovações apontadas no modelo de gramática da Teoria Padrão Estendida, surgem teorias auxiliares, entre as quais estão a Teoria θ e a Teoria do Caso. A teoria θ diz respeito às funções semânticas desempenhadas pelos argumentos dos verbos. A grade temática do verbo é determinada pelos argumentos que o verbo seleciona para co-ocorrerem com ele nas sentenças. O argumento é o elemento capaz de satisfazer as exigências do predicado, desempenhando papéis semânticos específicos, além dos sintáticos. Os argumentos podem ter, em geral, papel temático de Agente, Tema, Experienciador, Beneficiário, Meta, Fonte, Instrumento e Locativo. Essa escolha não é aleatória, pois depende do significado do verbo, e obedece a restrições conhecidas como Critérios θ , a saber: (i) um argumento só pode desempenhar um único papel temático; (ii) cada papel temático só pode ser atribuído uma única vez. Em relação aos verbos desta pesquisa, observa-se que os papéis temáticos relevantes são os de Agente/Causa e Tema.

A teoria do Caso diz que todo DP realizado foneticamente deve estar marcado abstratamente para a função sintática que exerce. Essa marcação de Caso Abstrato costuma ser associada à atribuição de papel temático. Conforme a generalização de Burzio (1981), o verbo da sentença inacusativa ou ergativa, segundo a terminologia que estamos seguindo, deixa de atribuir papel temático a seu argumento em posição de sujeito e, por consequência, não atribui Caso ao argumento interno, que deve se mover para a posição de sujeito, onde recebe o Caso Nominativo.¹³

Todos esses desenvolvimentos dão origem a uma nova fase da teoria denominada de Princípios & Parâmetros (CHOMSKY, 1981), também conhecida como Teoria da Regência e Ligação. Nesse modelo, procura-se atender, cada vez mais, o caráter explicativo e descritivo da teoria. A partir de Princípios & Parâmetros, a língua deixa de ser vista como um conjunto de regras e passa a ser vista como um sistema de princípios, aquilo que é comum a todas as línguas, e de parâmetros, o que é particular de cada língua. A noção dos universais linguísticos ou princípios são uma prerrogativa da existência da faculdade da linguagem e, conseqüentemente, da GU.

Um Princípio postulado nessa época é o de Projeção. Inicialmente, o Princípio de Projeção dizia que somente argumentos selecionados por núcleos poderiam ser projetados na sintaxe. No entanto, havia o problema dos sujeitos expletivos, como *it* e *il*, do inglês e do francês, respectivamente, que não são selecionados pelos verbos, mas

¹³ Em desenvolvimentos recentes da teoria gerativa, o Caso é tratado como parte de uma teoria mais geral, conhecida como Teoria da Checagem (ROBERTS, 1997).

devem ser projetados na sentença. Isso levou a uma reformulação do Princípio e hoje se fala no Princípio de Projeção Estendido, que apenas determina o preenchimento da posição de especificador da sentença. Isso significa que toda sentença, segundo a teoria gerativa, possui um sujeito. Sentenças ergativas e médias possuem um sujeito gramatical e não um sujeito lógico visto que é o argumento interno que está na posição de argumento externo. Portanto, a posição de especificador do sintagma flexional (IP, no inglês)¹⁴ é preenchida por meio do movimento de um constituinte, denotando um sujeito derivado.

O Princípio de Projeção Estendido tem relação com o Parâmetro do Sujeito Nulo. Línguas que são marcadas positivamente em relação a esse Parâmetro, ou seja, as línguas [+*pro drop*], podem deixar de manifestar foneticamente o conteúdo da posição relativa ao sujeito. Esse é o caso do português, do italiano e do espanhol, por exemplo. As línguas [-*pro drop*] preenchem, necessariamente, a posição de sujeito com material fonológico, como acontece com o inglês e o francês.

O fato de uma língua marcar positivamente ou não o Parâmetro do Sujeito gera implicações sintáticas. As línguas [+*pro drop*] permitem, por exemplo, a inversão livre do sujeito, como está em (13) e a existência de sujeitos pronominais nulos, como aparece em (14). Já as línguas [-*pro drop*], não admitem inversão de sujeito, por exemplo em (15b) e, como mostra (16b), também não admitem sujeitos pronominais nulos.

(13) a. *A correspondência* chegou.

b. Chegou *a correspondência*.

(14) [Ø] Choveu ontem.

(15) a. *The correspondence* arrived.

b. *Arrived *the correspondence*.

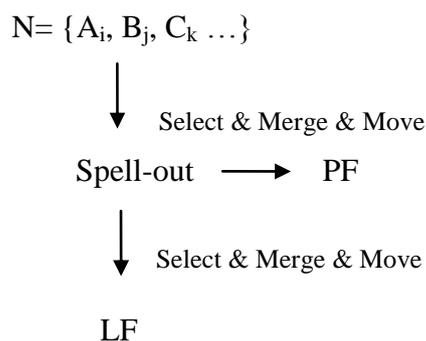
(16) a. *It* rained yesterday.

b. *[Ø] Rained yesterday.

¹⁴ IP foi mais tarde dividido em TP e AgrP. Muitas propostas são desenvolvidas utilizando-se somente de TP.

A última fase da teoria, o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), surge com a finalidade de eliminar tudo o que não seja realmente necessário para a derivação de uma sentença. Pauta-se pelo Princípio de Economia, o qual diz que as derivações linguísticas devem ocorrer com um número mínimo de operações.

(17) Modelo de Gramática no Programa Minimalista



(HORNSTEIN; NUNES; GROHMANN, 2005, p. 73)

O processo de derivação no Programa Minimalista se dá pela Numeração dos itens lexicais, que, ao serem selecionados pela operação *Select* (Selecionar), são combinados por outra operação, *Merge* (Concatenar), que trabalha recursivamente e une binariamente os objetos sintáticos:

- (18) a. Numeração= {A_i, B_j ...} → Numeração= {beber, água...}
 b. Merge= {α, β} → Merge= {beber água}

A Condição de Inclusividade controla os traços dos itens lexicais presentes na Numeração (traços-*phi* de gênero, número e pessoa, traços de Caso, traços categoriais [+/-N] e [+/-V], traços semânticos e traços fonológicos). Tal condição impede a entrada de qualquer item que não esteja previsto na Numeração no momento da derivação da sentença.

A operação *Agree* (Concordar) checa os traços interpretáveis, traços-*phi* dos nomes (gênero, número e pessoa), e os traços não-interpretáveis, traços-*phi* das

categorias funcionais, traços de EPP (Princípio de Projeção Estendido) e o traço de Caso dos DPs.

Os traços formais [+interpretáveis] já entram na derivação com valor especificado e os [-interpretáveis] entram sem valor e são analisados pela operação *Agree*, sendo valorados e eliminados. Essa eliminação ocorre quando um sintagma com um traço interpretável se move para uma categoria funcional que tenha um traço não-interpretável. Sob esse ponto de vista, *Agree* é uma combinação de dois elementos, Sonda e Alvo, que funcionam por mecanismos de atração.¹⁵ Um traço não-interpretável de EPP (do inglês, *Extended Projection Principal*) em T (Tempo), por exemplo, atua como uma Sonda em busca de um traço interpretável, obrigando que o sintagma sujeito Alvo se mova para Spec de T para checar esse traço e eliminá-lo.

A Teoria da Checagem dos traços se dá, portanto, via movimento. A operação *Move* (Mover) diz respeito aos movimentos realizados pelos termos da sentença para checagem de traços. A realização dessa operação é, na verdade, uma combinação de *Agree* e *Merge*. Se um traço é forte na língua, o movimento de constituinte ocorre antes de *Spell-Out*; se o traço é fraco, o movimento é realizado depois de *Spell-Out* – Condição Procrastinar. Essa formalização é importante porque determina o modo como as sentenças são derivadas nas línguas, sendo também responsável pela variação paramétrica.

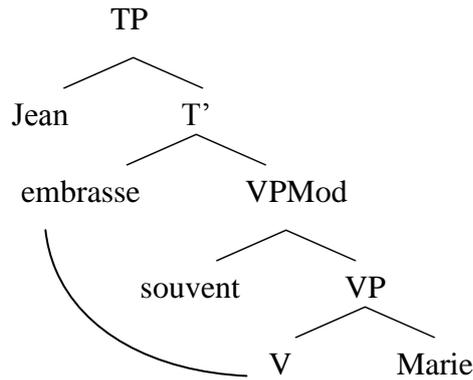
A posição do advérbio nas sentenças *Jean embrasse souvent Marie* (*Jean abraça frequentemente a Maria*), em francês, e *John often kisses Mary* (*John frequentemente beija Mary*), em inglês, ilustra a oposição entre traços fortes e fracos. Evidências mostram que no francês o verbo se move para fora de VP, diferentemente do que acontece em inglês, em que o verbo permanece *in situ*.

Assim, o verbo em francês precisa realizar o movimento de V para T, como ilustrado em (19), ao contrário do que acontece no inglês, em (20), em que o advérbio não realiza movimento:¹⁶

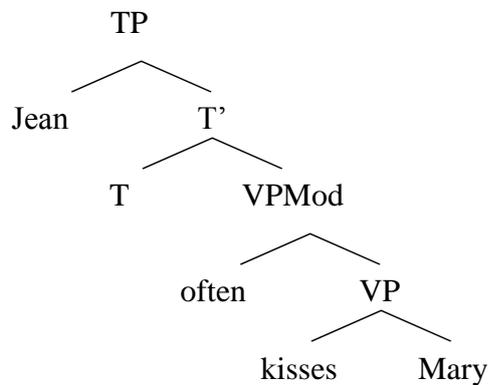
¹⁵ Sonda é toda categoria funcional e Alvo é todo DP ativo para o processo de checagem.

¹⁶ Para mais detalhes, conferir Roberts (1997).

(19)



(20)



Spell-out tem a função de dar contorno fonológico à sentença e sustentação à Forma Fonética. Após *Spell-out*, a sentença também passa pelo crivo do Princípio da Interpretabilidade Plena, que define a convergência ou não da derivação. Esse princípio é visto como uma propriedade da interface do Sistema Computacional da língua com os sistemas de desempenho, na verdade, o que garante que uma sentença seja reconhecida como uma expressão da língua em questão.

Sendo a Faculdade da Linguagem um componente presente na mente/cérebro do falante, esse modelo prevê, ainda, a existência de um sistema cognitivo que interage com os sistemas de *performance*, ou seja, com os sistemas articulatório-perceptivo (A-P) e conceitual-intencional (C-I). O primeiro estabelece interface com o nível de representação da Forma Fonética e o segundo com o nível de representação da Forma Lógica das sentenças.

2.4 Síntese do Capítulo

Adotamos a visão da Gramática Gerativa enquanto pressuposto teórico para o desenvolvimento da proposta desta dissertação, precisamente, seus avanços no quadro da Teoria de Princípios & Parâmetros (1981) e do Programa Minimalista (1995). No próximo capítulo, tratamos das propriedades aspectuais de sentenças ergativas e médias.

CAPÍTULO 3

PROPRIEDADE ASPECTUAL: EVENTOS vs. ESTADOS

3.1 Introdução

Este capítulo trata da propriedade aspectual que distingue sentenças ergativas e sentenças médias. Segundo a nossa análise, ergativas e médias se diferenciam pelo fato de expressarem eventos e estados, respectivamente. Isso se sustenta pelo fato de um conjunto de propriedades aspectuais atribuídas às sentenças médias – atemporalidade, interpretação genérica e presença de modificador – em oposição às ergativas, que possuem um tempo pontual, interpretação episódica e não requerem modificadores, estarem na base da diferenciação entre predicados que expressam estados e predicados que expressam eventos.

Além de apresentarmos os conceitos e as propriedades gerais de eventos e estados, trazemos testes que os identificam, com vistas a confrontá-los em sentenças ergativas e médias.

3.2 Eventos e Estados: Conceitos e Propriedades Gerais

O aspecto é uma categoria que se refere ao verbo. A classificação aspectual apresenta uma primeira subdivisão entre as sentenças que expressam eventos e aquelas que expressam estados (TENNY & PUSTEJOVSKY, 2000). Os eventos descrevem situações dinâmicas e os estados descrevem situações não-dinâmicas.

Nos estudos sobre o aspecto verbal, frequentemente é citado o termo *aktionsart*,¹⁷ que pode ser captado de duas formas: (i) pela semântica aspectual determinada pelo próprio verbo por meio do seu radical e das desinências associadas a ele e (ii) pela composição do *aktionsart* com outros elementos da predicação, ou seja, adjuntos e verbos auxiliares (CASTILHO, 2003; ALVES, 2005).

Conforme a classificação de Vendler (1967), as classes aspectuais se dividem em estados, atividades (ou processos), processos culminados (ou *accomplishments*) e culminações (ou *achievements*) e se diferenciam a partir de três traços distintivos:

¹⁷ Expressão alemã, que significa *modos de ação*.

[+/-dinâmico], [+/-télico] e [+/-durativo]. As atividades, os processos culminados e as culminações representam eventos.

Conforme a definição e os traços temporais, as classes aspectuais podem ser organizadas como no quadro a seguir:

Quadro I – Classes Aspectuais (VENDLER, 1967)

CLASSES ASPECTUAIS	TRAÇOS TEMPORAIS
ESTADOS: não transcorrem no tempo e não têm término definido.	Não-dinâmicos, durativos e atélicos.
ATIVIDADES: eventos que transcorrem num dado espaço de tempo e não têm término definido.	Dinâmicos, durativos e atélicos.
PROCESSOS CULMINADOS: eventos que transcorrem num dado espaço de tempo e têm término definido.	Dinâmicos, durativos e télicos.
CULMINAÇÕES: eventos que não transcorrem no tempo e têm término definido.	Dinâmicos, instantâneos e télicos.

Para Cunha (2004), ainda se pode acrescentar um traço de [+/-homogêneo]. Sentenças estativas, positivas para esse traço, não apresentam modificação entre um estado inicial e um estado final das situações que descrevem, sendo classificadas assim como homogêneas (CUNHA, 2004, p. 19-20):

As diversas classes aspectuais deverão ser estabelecidas tomando como ponto de partida determinados elementos "básicos" de caracterização – que [...] se poderão apresentar sob a forma de traços distintivos [...] Entre os mais relevantes contam-se o dinamismo, que se relaciona directamente com a existência de "fases" diferenciadas e sucessivas, conducentes a um qualquer tipo de "mudança de estado"; a telicidade, que se traduz na presença de um ponto "final" ou "terminativo" intrínseco ao estado de coisas; e a duratividade, que remete para a "porção" ou extensão de tempo que as eventualidades "duram" ou "demoram". Poderemos acrescentar ainda a homogeneidade [...] Os estados [...] em virtude do seu não dinamismo, conjugado com a sua extensão ao longo do tempo, conduzem à completa homogeneidade.

Há, ainda, a proposta de uma quinta classe aspectual: a dos semelfactivos (SMITH, 1991). Essa classe expressa eventos dinâmicos, instantâneos e atélicos, como em:

(21) João tossiu.

Trabalhos sobre o português do Brasil têm mostrado que o traço mais relevante para a formação de sentenças ergativas, levando-se em consideração as classes aspectuais e seus traços temporais, é o da [telicidade] (NAVES, 2005; BASSANI & SCHER, 2006). Naves (2005), que trata da classe dos verbos psicológicos e causativos, acrescenta que a mudança de estado sofrida pelo argumento interno também é relevante para a explicação da alternância causativo-ergativa, embora em uma relação hierárquica o traço aspectual [telicidade] seja proeminente em relação ao traço semântico [mudança de estado].¹⁸

As classes aspectuais que possuem o traço [+télico] são as de culminação e de processo culminado, excluindo-se, portanto, estados e atividades. Tendo isso em conta, Naves (2005) propõe que apenas os verbos que expressam culminação ou processo culminado seriam capazes de formar sentenças ergativas:

(22) Estado

a. João sabe inglês.

b. *Inglês (se) sabe. (NAVES, 2005, p. 157)

(23) Atividade¹⁹

a. João quebra côco na praia.

b. *Côco quebra na praia. (NAVES, 2005, p. 157)

¹⁸ O conceito de mudança de estado é bastante amplo. Pode abranger a mudança de um lugar para outro, mudança de posse, mudança de estado físico, mudança de estado de existência e mudança de estado psicológico (CIRÍACO, 2009). Quando nos referimos a mudança de estado do argumento interno da sentença ergativa, estamos atentando para o fato de esse elemento ser de algum modo afetado pelo evento.

¹⁹ A autora argumenta que, nesse caso, a interpretação é a de que *João* exerce a atividade de *quebrar côco na praia* – tratando-se, portanto, de processo iterativo, não télico. Como veremos adiante, um mesmo verbo pode expressar mais de um tipo de evento, dependendo da composicionalidade dos traços dos elementos que integram a sentença.

(24) Processo Culminado

a. A cozinheira derreteu a manteiga.

b. A manteiga derreteu.

(NAVES, 2005, p. 157)

(25) Culminação

a. O menino quebrou a vidraça.

b. A vidraça (se) quebrou.

(NAVES, 2005, p. 157)

De acordo com Fagan (1992), as sentenças médias possuem duas restrições quanto à sua formação. A primeira refere-se à classe aspectual do verbo, que deve expressar uma atividade ou um processo culminado:

(26) a. This car drives easily. (verbo de atividade)

b. This glass doesn't break. (verbo de processo culminado)

(FAGAN, 1992, p. 68)

Verbos que pertencem à classe aspectual dos estados e das culminações não formam, para a autora, sentenças médias no inglês:

(27) a. *Ice-cream likes easily. (verbo de estado)

b. *This contest wins easily. (verbo de culminação)

(FAGAN, 1992, p. 68)

No entanto, observamos que *furar*, um verbo de culminação, forma sentença média, assim como sentença ergativa, no português:

(28) a. O pneu dessa bicicleta fura facilmente.

b. O pneu furou.

A segunda restrição está relacionada com o sujeito, que deve ser responsável pela ação denotada pelo verbo (VAN OOSTEN, 1986; FAGAN, 1992). Conforme Zwart (1997, p. 1), o fato de o sujeito ter essa função de ser responsável pela situação descrita na sentença:

[...] *explains the different behavior of verbs like buy and sell: This book sells/*buys well. Both buy and sell are accomplishment verbs (although they can also be activity verbs) [...] and should be expected to undergo Middle Formation equally well. The difference between buy and sell apparently is a function of the responsibility of the surface subject: a book can be responsible for a selling rate, but not (directly) for a buying rate.*

Isso explica a agramaticalidade de (29) em oposição à gramaticalidade de (30), com dados de língua portuguesa. Apesar de o verbo *comprar* poder expressar uma atividade ou um processo culminado, o sujeito gramatical não pode ser responsável pela ação que o verbo descreve:

(29) *Esse livro compra bem.

(30) Esse livro vende bem.

Os verbos, em geral, podem se expressar sob vários aspectos, dependendo da composicionalidade da sentença. Os dados em (31), por exemplo, mostram que o verbo *pintar* pode se expressar em pelo menos três classes aspectuais. Já o verbo *abrir*, em (32), pode expressar predicados em quatro classes aspectuais.

(31) a. Estado: Esse muro pinta rapidamente.

b. Atividade: João pinta muros.

c. Processo culminado: João pintou o muro.

(32) a. Estado: Essa porta abre facilmente.

b. Atividade: João abre portas.

c. Processo culminado: João abriu a porta.

d. Culminação: A porta abriu.

Fica evidenciado, portanto, que uma proposta de formalização em termos da classe aspectual do verbo que forma sentença média ou ergativa não se sustenta devido ao fato de que um mesmo verbo pode ocorrer em diferentes estruturas, expressando

diferentes aspectos lexicais, dependendo da composicionalidade de traços da sentença. Hale & Keyser (2002, p. 25) afirmam que as propriedades:²⁰

[...] *stativity, telicity, and the aspectual classes (activities, accomplishments, achievements), pertain not to verbs but to the predicates they head. It would be reasonable to entertain the possibility that these notions, and stativity in particular, are never features of individual lexical items — e.g., of verbs, nouns, adjectives, adpositions, or what have you — but rather of whole predicate.*

Assim, nossa análise parte do fato de que sentenças ergativas expressam eventos e sentenças médias expressam estados, e essa propriedade aspectual está associada às características das próprias sentenças (traços de tempo, operadores semânticos de genericidade e traços dos modificadores, quando for o caso).

3.3 A Oposição Eventos vs. Estados em Testes

Antes de partir para os testes, precisamos fazer algumas colocações. Carlson (1977), Chierchia (1995), Kratzer (1995) e Cunha (1998, 2004, 2005) têm argumentado a favor de uma subdivisão dentro da classe dos verbos estativos, baseando-se no comportamento diferenciado desses predicados.

De acordo com Cunha (2005), sentenças estativas podem remeter (i) a sentenças de Predicados de Nível de Individual – PNIs (ou estados permanentes), como em *A casa é grande*; e (ii) a sentenças de Predicados de Nível de Estágio – PNEs (ou estados episódicos/transitórios), por exemplo, em *O copo está vazio*. Segundo o que está em Cunha (2005, p. 8):

Individual-level predicates apply directly to the entities they combine with, expressing essentially permanent or stable properties. This means that, in some way, the characteristics associated with an individual-level predicate accompany the entities they are attributed to along their temporal and spatial existence. Stage-level predicates, on the other hand, establish with their accompanying individual an obligatorily indirect relationship, since they express only spacio-temporal limited characteristics. Thus, we

²⁰ Concordamos que interpretações como estatividade e telicidade possam ser dadas composicionalmente, a partir dos elementos da sentença (DP pleno ou nu, presença ou ausência de modificador etc.). Mas não negamos radicalmente que os verbos possam carregar um traço aspectual lexical (cf. Capítulo 5).

can say that they describe transitory or episodic properties, strictly dependent on shorter or longer intervals of time.

Cunha (1998, 2004, 2005) afirma que as propriedades de (i) a (vii) são características de predicados de estado:

- (i) Não permitem o progressivo.
- (ii) Não ocorrem no imperativo.
- (iii) Não se combinam com elementos adverbiais agentivos, como *voluntariamente* e *deliberadamente*.²¹
- (iv) Não admitem construções clivadas.
- (v) Não aparecem com verbos aspectuais, como *começar a* ou *acabar de*.
- (vi) São incompatíveis com expressões temporais do tipo *quando*.
- (vii) São incompatíveis com a expressão *frequentemente*.

O autor mostra que essas características se refletem na divisão que existe na classe dos predicados estativos. Os dados em (33), que correspondem a PNIs (ou predicados estativos permanentes), se comportam de modo agramatical, como esperado, quando confrontados com as restrições para a formação de estativas.²²

- (33) a. *O João está a ser alto.
b. *João, sê alto!
c. *O João foi deliberadamente alto.
d. *O que o João fez foi ser alto.
e. *O João começou a ser alto aos 6 anos.
f. *Quando fez 6 anos, o João foi alto.
g. *O João é frequentemente alto.

(CUNHA, 1998, p. 9)

²¹ Essa propriedade será abordada no próximo capítulo, quando trataremos da interpretação de Agente implícito.

²² O autor apresenta dados do português de Portugal. Consideramos que os dados em (33a-b) e (34a-b) apresentam o mesmo comportamento no português do Brasil, como vemos respectivamente em:

- (i) a. *O João está sendo alto.
 - b. *João, seja alto!
- (ii) a. O João está sendo generoso com os colegas.
 - b. João, seja generoso com os colegas.

No caso de (34), que apresenta dados de PNEs (ou sentenças estativas transitórias/episódicas), as restrições para a formação de sentenças estativas não se aplicam, formando sentenças gramaticais:

- (34) a. O João está a ser generoso com os colegas.
b. João, sê generoso com os teus colegas!
c. O João foi deliberadamente generoso com os colegas.
d. (Face à situação desesperada) O que o João fez foi ser generoso com os colegas.
e. (Depois de os conhecer melhor), o João começou a ser generoso com os colegas.
f. Quando eles mais precisaram, o João foi generoso com os seus colegas.
g. O João é frequentemente generoso com os colegas.

(CUNHA, 1998, p. 9)

Assim, segundo o autor, existe uma diferença entre as expressões estativas *ser alto* e *ser generoso*: as sentenças em (33) remetem a PNIs ou estativas permanentes; já as sentenças em (34) remetem a PNEs ou estativas transitórias/episódicas.

Isso nos leva a hipotetizar que sentenças médias devem ter o mesmo comportamento de PNIs e que sentenças ergativas devem se comportar como PNEs. Em favor dessa hipótese, acrescentamos a análise de Keyser & Roeper (1984). Segundo os autores, a estrutura de evento pode ser captada em orações com verbos de percepção, que requerem um complemento de leitura eventiva ou estado temporário, como em (35). Nesse contexto, as sentenças médias são agramaticais, como exemplificado em (36), assim como as expressando um estado permanente em (37).

- (35) a. I saw Mary leave.
b. I saw Bill arrive.
c. I saw Mary naked. (KEYSER & ROEPER, 1984, p. 387)

- (36) a. *I saw bureaucrats bribe easily.
b. *I saw the floor wax easily.
c. *I saw chickens kill quickly. (KEYSER & ROEPER, 1984, p. 387)

- (37) a. *I saw Mary tall.
b. *I saw Mary 5'4" in height. (KEYSER & ROEPER, 1984, p. 387)

A seguir, utilizamos algumas das características próprias dos estados como testes para diagnosticar a distinção entre eventos e estados em sentenças ergativas e médias, respectivamente.

3.3.1 Teste 1: Progressivo

De acordo com Keyser & Roeper (1984), verbos estativos não formam sentenças progressivas, o que se nota em (38). O mesmo ocorre com as sentenças em (39) com verbos médios. Por contraste, as sentenças com verbos ergativos em (40) formam sentenças gramaticais.

- (38) *John is knowing the answer. (KEYSER & ROEPER, 1984, p. 385)

- (39) a. *Chickens are killing.
b. *The walls are painting.
c. *Bureaucrats are bribing. (KEYSER & ROEPER, 1984, p. 385)

- (40) a. The boat is sinking.
b. The door is closing.
c. The ball is bouncing. (KEYSER & ROEPER, 1984, p. 385)

Mas para Fagan (1988), o progressivo é possível em sentenças com verbo estativo, como em (41a), e com verbo médio, como em (41b), sem que as sentenças deixem de implicar, de acordo com a autora, não eventividade:

- (41) a. Kids are *knowing* more about drugs and violence.
b. That manuscript is *reading* better in these days. (FAGAN, 1988, p. 182)

Outra questão que levantamos é o fato de que em inglês os predicados estativos podem se expressar na forma progressiva, com mudança de sentido do verbo, como nos pares de sentenças de (42) a (44).

- (42) a. I think she is a good actress. (=believe)
b. They are thinking about moving to a new apartment. (=considering)
- (43) a. She has a hundred of DVDs. (=owns, possesses)
b. We are having lunch. (=eating)
- (44) a. They can see my house from up here. (=it is visible)
b. I am seeing the dentist this week. (=I am meeting)

No português, sentenças progressivas só não são permitidas quando se tem uma estativa de sentido permanente, como em (45). Sentenças estativas de sentido transitório, como em (46), são gramaticais.²³

- (45) *João está sendo alto.
- (46) a. João está sendo sincero.
b. A estátua está ficando na prefeitura.
c. João está ficando alto.

O uso do progressivo parece, então, estar condicionado à interpretação do predicado. A relevância do teste progressivo está em diagnosticar a interpretação de propriedade (como uma característica permanente) ou a interpretação de afetação/mudança de estado (como uma característica transitória/episódica, que pode ser expressa por predicados eventivos ou estativos, de certo tipo).

²³ Para mais detalhes, conferir Ilari & Basso (2004).

3.3.2 Teste 2: Imperativo

Para Keyser & Roeper (1984), verbos estativos, como em (47), não formam imperativo. Nesse caso, se verbos médios apresentam as mesmas restrições que os estativos, também não devem formar o imperativo, como é o caso de (48). Por contraste, os verbos ergativos não apresentam problemas quanto a se expressarem no imperativo, como exemplificado em (49):

(47) *Know the answer, John! (KEYSER & ROEPER, 1984, p. 385)

(48) a. *Wax, floor!

b. *Kill, chicken! (KEYSER & ROEPER, 1984, p. 384)

(49) a. Sink, boat!

b. Close, door! (KEYSER & ROEPER, 1984, p. 384)

Fagan (1988) discute a gramaticalidade de sentenças imperativas com verbos médios, como as ocorrências em (50) e (51), que são contrárias à previsão de que médias são estativas e não aceitam o imperativo:

(50) Crush (you lousy piece of junk)!

(51) Cut (damn you)! (FAGAN, 1988, p. 181)

Para a autora, *crush* seria, na verdade, um verbo ergativo, pois forma sentença ergativa e passa no teste do progressivo sem que a sentença tenha problema de gramaticalidade:

(52) a. The stone crushed.

b. The stone is crushing. (FAGAN, 1988, p. 181)

Quanto ao verbo *cut*, Fagan afirma que se pode fazer uma comparação sobre seu comportamento sintático com os verbos *open* (abrir), um verbo ergativo, e *bribe* (subornar), um verbo médio.

(53) a. I can't open this drawer.
a'. Why not? It opened just a minute ago.

(54) a. I can't cut this bread.
a'. Why not? It cut this morning.

(55) a. I couldn't bribe that bureaucrat.
a'. Why not? *He bribed yesterday. (FAGAN, 1988, p. 181)

O comportamento de *cut* se aproxima do comportamento de um verbo ergativo. Segundo Fagan, isso se deve ao fato de seu significado ser semelhante ao de verbos “verdadeiramente” ergativos, como *crack* (rachar), *rip* (romper), *tear* (rasgar).

Os dados em português mostram, aparentemente, o mesmo comportamento dos dados de Keyser & Roeper (1984), apresentados acima:

(56) a. *Seja alto!
b. *Pinta, parede!
c. Abra, porta!

No entanto, há sentenças estativas em português na forma imperativa, como constatam Ilari & Basso (2004). Essa construção é permitida porque essas sentenças têm, segundo os autores, um traço [+controle]:

(57) a. Fique quieto!
b. Seja bonzinho! (ILARI & BASSO, 2004, p. 21)

Levando em consideração o comportamento do conjunto de dados acima, vemos que o teste do imperativo se apresenta inconclusivo entre diferenciar predicados de estado de predicados de evento.

3.3.3 Teste 3: Modificadores e Expressões Temporais

Outra restrição à formação de sentenças estativas refere-se a elas não ocorrerem com expressões temporais, como mostra (58a). Com relação a essa restrição, observamos também uma diferença entre sentenças médias, que tem comportamento próximo das estativas, como em (58b), e sentenças ergativas, que são gramaticais com expressões temporais, como em (58c).

- (58) a. *João foi alto em dois dias/ às duas horas/ hoje.
b. Essa parede pinta facilmente em um dia/ *às duas horas/ *hoje.
c. A porta abriu em um minuto/ às duas horas/ hoje.

Em (58b), a expressão *em um dia* torna a sentença aceitável porque sua interpretação se associa à interpretação de propriedade da sentença, em que se tem a leitura de que *algo é fácil de ser pintado em um dia*.

Sentenças temporais com *quando* também ocorrem em construções médias desde que apresentem paralelismo de tempo verbal com a matriz. Por isso (59a) é agramatical em oposição a (59b), em que observamos o paralelismo verbal.

- (59) a. *Quando o João *reformou* a casa, essa parede *pinta* facilmente.
b. Quando o João *reforma* a casa, essa parede *pinta* facilmente.

Os dados em (60) mostram que o que está em jogo é a aspectualidade da situação descrita na sentença média em relação à sentença temporal. Apesar de o paralelismo verbal ocorrer, o verbo *iniciar* focaliza o ponto inicial do evento, o que é incompatível com a interpretação de propriedade da média, que se caracteriza pelo traço aspectual de estado:

- (60) a. *Ao iniciar a reforma da casa, essa parede pinta facilmente.
b. *Quando inicia a reforma da casa, essa parede pinta facilmente.

Já a sentença ergativa, em contexto temporal com *quando*, forma dados gramaticais, mesmo quando um ponto específico do evento é focalizado, mostrando que se trata de uma interpretação transitória ou eventiva:

- (61) a. Quando o Titanic iniciou sua viagem inaugural, o navio afundou.
b. Quando as crianças terminaram de brincar, a bola furou.

Esse teste se mostrou relevante para mostrar que sentenças médias se aproximam do comportamento de predicados estativos, enquanto sentenças ergativas se comportam como predicados eventivos.

3.3.4 Teste 4: Contexto de Clivada, Verbo Aspectual e Verbo de Percepção

A estativa em (62a) não admite construção clivada, assim como a estrutura média, em (62b). Já a sentença ergativa, em (63a), é gramatical, do mesmo modo que a sentença estativa de sentido transitório (63b).

- (62) a. *O que o João fez foi ser alto.
b. *O que essa parede fez foi pintar facilmente.

- (63) a. O que a porta fez foi abrir.
b. O que o João fez foi ser sincero.

As sentenças estativas não co-ocorrem com verbos aspectuais, como está em (64a). As sentenças médias seguem o mesmo comportamento, por isso a sentença (64b) é agramatical. Já as sentenças ergativas, podem ocorrer nesse tipo de estrutura, como exemplificado em (64c). Isso se deve ao fato de verbos aspectuais como *acabar* e também *terminar* terem caráter télico, o que é compatível com a interpretação eventiva das sentenças ergativas, mas não com a interpretação estativa das sentenças médias.

- (64) a. *João acabou de ser alto.
b. *Essa parede acabou de pintar facilmente.
c. Essa porta acabou de abrir.

Já mencionamos, anteriormente, que verbos de percepção necessitam de complemento de leitura eventiva. Com ergativas, as sentenças são gramaticais, caso de (65). Em contexto de sentenças médias, o resultado é agramatical, como apresentado em (66).

(65) Ergativa

- a. Eu vi a porta abrir.
b. Eu vi o barco afundar.
c. Eu vi o copo quebrar.

(66) Média

- a. *Eu vi a parede pintar facilmente.
b. *Eu vi a louça lavar rapidamente.
c. *Eu vi a casa varrer facilmente.

O fato de sentenças médias serem agramaticais nessa estrutura aponta para a estaticidade de médias. Parece estar em jogo também o fato de *abrir*, *afundar* e *quebrar* serem eventos que evoluem sem a ação de um participante externo, diferentemente de *pintar*, *lavar* e *varrer* (cf. SOUZA, 1999).

3.3.5 Teste 5: Quantificações

Sentenças estativas não permitem quantificações com expressões de frequência, como em (67a) e (68a). As sentenças médias em (67b) e (68b) também são agramaticais nesse contexto. As sentenças ergativas (67c) e (68c) são gramaticais, o que corrobora a previsão inicial de médias terem o comportamento de estado e ergativas de evento.

- (67) a. *João foi alto *três vezes*.
b. *Essa parede pinta facilmente *três vezes*.
c. A porta abriu *três vezes*.

- (68) a. *João foi *frequentemente* alto.
b. *Essa parede *frequentemente* pinta facilmente.
c. ?A porta abriu *frequentemente*.

Quantificações desse tipo pressupõem a repetição do evento, uma noção que é incompatível com sentenças estativas e médias, que não expressam acontecimentos, mas não com sentenças ergativas, que são eventivas.

3.4 (A)temporalidade, Interpretação Genérica/Episódica e Modificadores

As características de atemporalidade, interpretação genérica e presença de modificadores são atribuídas às sentenças médias em oposição às ergativas, que, por seu turno, apresentam tempo pontual, possuem interpretação episódica e não requerem modificadores. Na nossa análise, essas características estão interligadas de modo a diferenciarem predicados estativos e predicados eventivos.

Sentenças médias não descrevem um evento particular no tempo, de onde decorre a interpretação de atemporalidade. Caso haja tal delimitação temporal, a sentença fica agramatical, como está expresso em (69a). Já as sentenças ergativas, que denotam eventos específicos, ocorrem em um tempo particular, como em (69b).

- (69) a. *Yesterday, the wall paints easily.²⁴
b. At yesterday's house party, the kitchen door opened.

(KEYSER & ROEPER, 1984, p. 385)

²⁴ O exemplo em (69a) de Keyser & Roeper (1984) tem o agravante de a temporalidade denotada pelo advérbio *yesterday* ser distinta da marcação de tempo presente, podendo a agramaticalidade da sentença ser atribuída a esse “desencontro” temporal. Entretanto, acreditamos que, mesmo que o advérbio denotasse tempo presente, a sentença permaneceria agramatical na leitura média: **Hoje, essa parede pinta facilmente*.

O tempo presente é reconhecidamente o tempo adotado por sentenças médias porque é capaz de garantir o valor de verdade permanente da sentença em qualquer momento. No entanto, Rodrigues (1997) ressalta a possibilidade de médias ocorrerem em outros tempos, mantendo-se a noção de propriedade intrínseca/genérica do objeto. A autora traz o exemplo em (70) com o verbo no imperfeito.

(70) Aqueles canos *furavam* facilmente. (RODRIGUES, 1997, p. 123)

Segundo Souza (1999), a sentença média precisa ser interpretada genericamente, mas isso não restringe a sentença a somente ocorrer no presente. Em (71b), interpreta-se que *esse livro* possuía uma característica de ser vendido bem.

(71) a. Esse livro *vende* bem.
b. Esse livro *vendia* bem. (SOUZA, 1999, p. 27)

Cambrussi (2007) também atentou para o fato de que sentenças médias ocorrem em outros tempos verbais sem prejuízo de manutenção da interpretação de genericidade:²⁵

(72) a. Essa camisa *secou* fácil, não seca mais.
b. Essa camisa *secava* fácil, não seca mais.
c. Livros *venderam* muito bem, não vendem nada agora.
d. Livros *vendiam* muito bem, não vendem nada agora.
(CAMBRUSSI, 2007, p. 100)

Segundo Cambrussi (2007, p. 99), ao se dizer *Quando era pequena, minha filha brincava, estudava e fazia muita bagunça* ou *Quando era pequena, minha filha brincou, estudou e fez muita bagunça* está-se descrevendo uma mesma situação. A autora considera que os usos do perfeito podem ser equivalentes aos do imperfeito, afirmando ser o mesmo que acontece com as sentenças em (72) apresentadas por ela.

Para completarmos nossa descrição dos fatos, acrescentamos a afirmação de Ciriaco (2011), que destaca o caráter não eventivo de sentenças médias e considera que

²⁵ Alertamos aqui para a diferença aspectual entre os dados em (72) – (72a) e (72c) são perfectivos, enquanto (72b) e (72d) são imperfectivos. Trataremos dessa questão adiante.

isso está relacionado ao uso do tempo presente, mas também sugere que a não eventividade não é incompatível com outros tempos verbais, como em (73). Conforme a autora, a sentença “não parece se referir a um evento específico e particular, mas, de forma genérica, a uma sucessão de eventos, de modo a exprimir uma propriedade do carro, e não um evento particular de venda” (CIRÍACO, 2011, p. 66-67).

(73) Esse carro *vendeu* muito na década de 60.

(CIRÍACO, 2011, p. 66)

Concordamos que sentenças médias possam ocorrer em outros tempos verbais, sem que haja prejuízo da interpretação genérica e do caráter estativo da sentença. A nosso ver, o licenciamento dessas sentenças também está pautado na característica [+habitual] conferida ao aspecto perfeito e imperfeito. Nesse aspecto, Senna (1991, p. 483-486) afirma que:

A habitualidade é uma situação discursiva que pode, em princípio, ser expressa por qualquer estrutura verbal marcada pelo tipo de aspecto predominante na sentença associado diretamente à presença do traço [+genérico] em um ou mais SNs. Por habitualidade, entendo qualquer interpretação textual que designe uma situação dominada pelo tempo, que ocorre (ou ocorreu) com uma frequência muito alta e regular, podendo, assim, funcionar como uma característica qualitativa do sujeito. [...] a necessidade de se estabelecer diferenças entre SNs [+/- genéricos] na análise da transitividade verbal é justificável a partir do fato de que o substantivo, em certos contextos, contribui para a interpretação do verbo: (i) José escreveu cartas quando era garoto [+habitual, +genérico], (ii) José escreveu todas as cartas [-habitual, -genérico].

Com isso, queremos defender a ideia de que não é o tempo presente, perfeito ou imperfeito que se impõe como característica das sentenças médias, em oposição às ergativas, mas justamente um certo valor de atemporalidade que, na nossa análise, está ligado a uma propriedade aspectual própria dos estados (permanentes) e que pode remeter ao traço de atelicidade: do ponto de vista do aspecto lexical médias são sentenças atélicas, enquanto ergativas são sentenças télicas.

Nesse sentido, os modificadores presentes na sentença média também são elementos que contribuem para a interpretação de atemporalidade e genericidade do argumento interno em posição de sujeito. Na sentença em (74a), por exemplo, interpreta-se que é uma propriedade dessa parede ser pintada *facilmente*. A sentença

sem o modificador, em (74b), é agramatical porque a interpretação de genericidade não pode ser captada apropriadamente.

- (74) a. Essa parede pinta facilmente.
b. ??*Essa parede pinta.

Conforme Rodrigues (1997), os modificadores mais comuns nas sentenças médias do português são *facilmente/rapidamente/bem*.

- (75) a. Esse carro acelera facilmente/rapidamente/bem.
(cf. ??*Esse carro acelera.)

b. Esse sal dissolve facilmente/rapidamente/bem.
(cf. ??*Esse sal dissolve.)

(RODRIGUES, 1997, p. 110)

Segundo o que observamos, a ausência do modificador está condicionada: (i) à possibilidade de o verbo compor juntamente com o argumento interno uma propriedade específica, como em (76), em que se tem a leitura de que derreter é uma propriedade que chocolate possui; (ii) ao fato de haver leitura contrastiva, com o DP argumento interno pleno, como em (77a), ou nu, como em (77b); (iii) a certos padrões entoacionais, como em (78); e (iv) a casos em que o argumento interno carrega alguma modificação, por exemplo, em (79).

(76) Chocolate derrete.

- (77) a. *Esse tecido* rasga (e não um outro).
b. *Tecido* rasga (plástico não).

(78) Esse livro VENDE.

(79) Livro *do Paulo Coelho* vende.

Com relação às sentenças ergativas, já mencionamos que elas têm uma interpretação episódica, no sentido de que indicam que um evento ocorreu. Essa interpretação episódica está associada, nas ergativas, à interpretação do DP argumento interno como afetado. Esse fato, por sua vez, parece se relacionar com a ocorrência de DPs plenos em ergativas, como em (80a). O DP nu de (80b) torna a sentença agramatical. No entanto, em contextos bem específicos, o DP nu pode ocorrer em ergativas, como em (80c).²⁶

(80) a. *A porta abriu.*

b. **Porta* abriu.

c. Hoje deu tudo errado: arroz empapou, bife queimou, café derramou.

Também por conta dessa interpretação episódica, a sentença ergativa não requer modificadores, mas, eventualmente, pode apresentá-los sem que a leitura eventiva se perca:

(81) a. O chocolate derreteu rapidamente/todo.

b. A porta abriu rapidamente/facilmente.

Assim sendo, o modificador não se apresenta como um elemento imprescindível nas sentenças médias, como os dados de (76) a (79) mostram, ao passo que nas sentenças ergativas é dispensável. De todo modo é importante salientar que o modificador atende tanto a interpretação de estado, quando está associado à interpretação genérica de médias, quanto à interpretação de evento, quando associado a uma construção ergativa.

3.5 Síntese do Capítulo

Neste capítulo, buscamos argumentar que um conjunto de propriedades atribuído às sentenças médias em oposição às ergativas pode ser identificado como parte da distinção aspectual entre estados e eventos.

²⁶ Agradecemos ao Paulo Medeiros por essa observação. Acreditamos que o contexto específico que licencia essa construção pode estar relacionado ao resumptivo *tudo* e ao contexto de enumeração, mas deixamos essa questão em aberto para pesquisas futuras.

A classificação aspectual dos predicados apresenta uma primeira subdivisão entre aqueles que expressam eventos e aqueles que expressam estados. Sentenças ergativas remetem a eventos e sentenças médias a estados. As características aspectuais da atemporalidade, interpretação genérica e modificadores das sentenças médias, em oposição às características aspectuais da temporalidade, interpretação episódica e ausência de modificadores das sentenças ergativas, sustentam essa divisão uma vez que estados e eventos se diferenciam também por essas características.

Mostramos que a classe dos verbos estativos apresenta uma divisão entre sentenças de Predicados de Nível Individual (PNIs) ou estativas permanentes e sentenças de Predicados de Nível de Estágio (PNEs) ou estativas transitórias/episódicas. Médias se aproximam de PNIs, uma vez que denotam um estado permanente do argumento interno do predicado e passam pelos testes que identificam predicados de estado. Sentenças ergativas se aproximam de PNEs, uma vez que possuem uma interpretação episódica e passam pelos testes que identificam predicados de eventos.

Sobre os testes usados na distinção entre médias e ergativas, vimos que os de formação de sentenças progressivas e imperativas são mais apropriados à diferenciação entre PNIs e PNEs, o que apenas parcialmente remete à distinção entre médias e ergativas. Por outro lado, os testes de modificadores e sentenças temporais, contexto de clivada, verbos aspectuais e perceptivos e da ocorrência com quantificadores se mostraram relevantes para identificar uma sentença ergativa como eventiva e uma sentença média como estativa.

Vimos que, de modo geral, o caráter estativo das sentenças médias é formado composicionalmente, a partir da atemporalidade, da interpretação de genericidade e da presença de modificador, em oposição ao caráter eventivo das sentenças ergativas, que têm tempo específico, não requerem modificadores e atribuem interpretação de afetação ao DP argumento interno em posição de sujeito. Consideramos, portanto, que todas essas características são manifestações periféricas da propriedade formal do aspecto, que deve ser codificada na sintaxe.

CAPÍTULO 4

PROPRIEDADE SEMÂNTICA: MODO/INSTRUMENTO

4.1 Introdução

Sentenças ergativas e médias não projetam na sintaxe o argumento externo presente na grade do verbo. No entanto, diz-se na literatura que em construções médias interpreta-se um Agente, que, nesse caso, está implícito. Este capítulo trata da interpretação de Agente implícito, usualmente conferida às sentenças médias em oposição às sentenças ergativas, que não teriam essa interpretação.

O Agente implícito de médias é explicado sob distintas análises da derivação desse tipo de sentença. Destacamos as análises pré-sintáticas, as análises sintáticas e as análises pós-sintáticas, identificando os autores de cada linha e o tipo de abordagem que fazem dos dados de sentenças médias de modo geral. Em seguida, problematizamos e aplicamos testes sintáticos usados para identificar a presença desse Agente implícito.

Segundo a hipótese adotada neste trabalho, a interpretação de Agente implícito está relacionada a um traço de Modo/Instrumento, presente na estrutura conceitual lexical dos verbos, conforme proposto por Salles & Naves (2009), com base no modo como os verbos do tipo de *abrir* e *pintar* projetam sintagmas instrumentais. Esse traço pode, na nossa análise, esclarecer a leitura de Agente implícito sugerida para sentenças médias e preterida para as ergativas.

4.2 Agente Implícito em Construções Médias

O estudo do Agente implícito em construções médias segue, na literatura, as seguintes hipóteses: (i) o papel de Agente não é projetado na sintaxe, mas está presente na grade temática do verbo (análises pré-sintáticas); (ii) o papel temático é absorvido por um clítico abstrato ou é realizado na sintaxe por meio de uma categoria PRO ou *pro* (análises sintáticas); (iii) o papel temático de Agente não é expresso na sintaxe e

tampouco na semântica, sua interpretação decorre do significado do verbo (análises pós-sintáticas).²⁷

4.2.1 Análises Pré-Sintáticas

Análises pré-sintáticas advogam a existência de um Agente implícito, que, embora não esteja presente na estrutura sintática, está presente no componente interpretativo (semântico) da sentença. O papel temático de Agente é lexicalmente saturado por ter sido atribuído a um “argumento arbitrário” ainda no léxico. Esse argumento sendo arbitrário não precisa ser projetado na sintaxe.²⁸ Seguem essa linha, entre outros, Roberts (1987), Fagan (1988, 1992), Marelj (2004) e Cambrussi (2007).

Roberts (1987) argumenta que quando ocorre a externalização do Tema na sentença média o Agente representa, na verdade, um papel temático *chômeur*. Esse papel *chômeur* é interpretado na Forma Lógica sob a forma de uma referência genérica.²⁹

Para Fagan (1988, 1992), sentenças médias envolvem uma quantificação genérica sobre o argumento implícito interpretado como [+humano], que, segundo ela, tem referência arbitrária. Para a autora, na interpretação da sentença média, atribui-se uma leitura de habilidade ou possibilidade ao argumento arbitrário:

²⁷ Vamos apresentar as análises, mas não é nosso objetivo, neste trabalho, testar as hipóteses. A nossa posição teórica, decorrente da proposta que estamos desenvolvendo, é no sentido de atribuir a interpretação do Agente a uma propriedade da estrutura conceitual lexical dos verbos, o que poderia se associar a uma análise pré-sintática. Entretanto, consideramos que certos traços de significado da estrutura conceitual lexical dos verbos têm relevância para a estrutura sintática. Deixaremos essa questão para pesquisas futuras.

²⁸ Segundo o Princípio de Projeção, as estruturas sintáticas seriam derivadas a partir do léxico e pelo critério temático as posições projetadas devem ser preenchidas por argumentos. Papéis temáticos são, normalmente, saturados na sintaxe, mas papéis de argumentos arbitrários poderiam ser saturados ainda no léxico. Daí não haver problemas para a formulação de uma teoria em termos de argumentos arbitrários. A ideia primeira do Princípio de Projeção era que, se o argumento fosse interpretado, deveria estar expresso em todos os níveis da derivação, ou seja, propriedades temáticas dos itens lexicais seriam representadas sintaticamente. Essa noção evoluiu para o Princípio de Projeção Estendida (cf. Capítulo 1).

²⁹ A expressão “papel temático *chômeur*” significa o mesmo que “papel temático demovido”, no caso o papel de Agente.

(82) a. This shoe organizer mounts securely on a door or against a wall.

a'. "People, in general, can mount this shoe organizer securely on a door or against a wall."

(FAGAN, 1992, p. 155)

A autora imputa a aplicação da regra *arb* (arbitrário) ao argumento externo. Essa regra é aplicada ainda no léxico e tem o efeito de saturar o papel temático do argumento externo/Agente. Desse modo, o Agente implícito de médias é lexicalmente, mas não sintaticamente saturado, ou seja, o Agente não tem realização sintática na posição de argumento externo.

De acordo com a autora, a formação de sentenças médias implica a interpretação genérica e de Agente implícito. Por outro lado, a formação de sentenças ergativas não implica a interpretação de Agente implícito ou uma interpretação genérica. Um esquema da proposta da autora, que pressupõe que as diferenças de formação dessas sentenças esteja associada a diferentes operações, está expresso abaixo:

(83) Médias: operações aplicadas à estrutura temática do verbo

- a. Atribuição de *arb* ao argumento externo;
- b. Externalização do objeto direto.

(84) Ergativas: operações lexicais

- a. Apagamento do argumento externo;
- b. Externalização do objeto direto.

Marelj (2004) afirma que sentenças médias são formadas no léxico (*Lexicon Middle Formation*). Segundo esse ponto de vista, as estruturas médias retêm um argumento implícito que é interpretado como *arb* com o traço [+humano]. Além disso, também ressalta que estruturas médias possuem leitura genérica.

A proposta de Cambrussi (2007, p. 122) baseia-se na teoria do léxico gerativo. De acordo com a autora, não há uma alternância média e uma ergativa, mas duas

construções ergativas: uma ergativa pura (*O feijão cozinhou*) e uma ergativa genérica (*Feijão cozinha fácil/Esse feijão cozinha rápido*).³⁰

4.2.2 Análises Sintáticas

Nas análises sintáticas, o Agente é considerado um argumento implícito presente na estrutura sintática. Keyser & Roeper (1984), Hoekstra & Roberts (1993), Stroik (1992, 1995, 1999), Rodrigues (1997) e Pacheco (2008) adotam essa perspectiva.

Segundo Keyser & Roeper (1984), a sentença média retém um Agente implícito, enquanto a ergativa não. Os autores afirmam que um exemplo de sentença média como (85) pressupõe um *trimmer*, ou seja, alguém que poda o arbusto facilmente.

(85) The hedge trims easily. (KEYSER & ROEPER, 1984, p. 404)

A proposta dos autores se baseia na presença de um clítico abstrato, que não tem forma fonológica em inglês, mas que no italiano, por exemplo, é representado pelo clítico *si* e no português por *se*: *English has an abstract si clitic that absorbs case and the agent theme, but it is inexpressible* (KEYSER & ROEPER, 1984, p. 407). A função desse clítico é a de absorver/carregar o papel de Agente.

Para Hoekstra & Roberts (1993), o Agente/argumento implícito é sintaticamente inativo porque não tem uma manifestação sintática enquanto elemento presente na sentença, mas pode ser representado por meio de uma categoria *pro* situada em Spec-VP:

(86) [_{IP} bureaucrats_i [_Γ [_{VP} *pro* [_{v'} bribe t_i easily]]]]
(HOEKSTRA & ROBERTS, 1993, p. 186 *apud* STROIK, 1999, p. 120)

³⁰ A análise de Cambrussi (2007) não pode ser estendida aos verbos que formam sentenças médias, mas não têm uma variante ergativa, como *pintar*, *varrer* e *construir*, o que constitui o objeto de estudo da nossa pesquisa. Se a proposta de Cambrussi (2007) estiver correta, a consequência disso é que teríamos que explicar por que esses verbos só podem formar “ergativas genéricas”. A nossa proposta seguirá em outro caminho: o de pressupor que, embora superficialmente semelhantes, médias e ergativas estão sujeitas a derivações distintas, em razão de traços aspectuais e semânticos específicos. Desenvolveremos essa proposta no Capítulo 5.

Para Stroik (1992, 1995, 1999), sentenças médias são formadas por processos sintáticos. A construção média tem presentes no momento da sua derivação todos os seus argumentos, incluindo o argumento externo. O verbo vai para a sintaxe transitivo e o argumento externo é projetado como PRO adjungido ao VP. Desse modo, o argumento interno fica livre para se mover para a posição de sujeito, visto que o argumento externo está em posição de adjunção:

(87) [_{IP}bureaucrats_i [_{I'} [_{VP} [_{VP} [_{V'}bride_i easily]]PRO]]] (STROIK, 1999, p. 121)

Rodrigues (1997) sugere que verbos médios formam sentenças nas quais um Agente é mapeado, mas é absorvido pelo marcador medial *se*, elemento obrigatório, segundo ela, com tais verbos (cf. classe III dos verbos da autora na seção 4.3.2). Pacheco (2008) igualmente se apóia na presença do clítico *se* em sentenças médias, afirmando que ele é uma marca de Agente.³¹

4.2.3 Análises Pós-Sintáticas

Nas análises pós-sintáticas, a interpretação do Agente é vista como um acarretamento do significado do verbo. Hale & Keyser (1986) e Klingvall (2003, 2005) trabalham com essa hipótese.

Hale & Keyser (1986) afirmam que sentenças médias envolvem apagamento de Agente na grade temática do verbo. A ideia é que o Agente está presente apenas na estrutura conceitual lexical dos verbos médios, sendo representado por uma variável X. A grade temática do verbo, em si, não contém um Agente. O princípio descrito a seguir determina como isso ocorre:

(88) Uma variável da estrutura conceitual lexical é projetada na grade temática e recebe um papel temático *se*, e somente *se*, o verbo pode atribuir esse papel.

Segundo Klingvall (2005), a possibilidade de um Agente implícito existir é sugerida pela própria interpretação dada às construções médias. Para a autora, o dado (89) relaciona *the clothes* com um Agente não especificado que *as pendura facilmente*.

³¹ Apresentaremos mais detalhes dos trabalhos de Rodrigues (1997) e de Pacheco (2008) em seções a seguir.

(89) The clothes hang easily.

(KEYSER & ROEPER, 1984, p. 383 *apud* KLINGVALL, 2005, p. 92)

Todavia, segunda a autora, há casos de médias em que o argumento expresso na posição de sujeito pode representar um Experienciador, como em (90a), ou ainda um locativo, como em (90b).

(90) a. *Jane* discourages easily.

b. *The station platform* dances better.

(YOSHIMURA & TAYLOR, 2004, p. 293 *apud* KLINGVALL, 2005, p. 92-93)

Nas palavras de Klingvall (2005, p. 93):

In less prototypical cases, the subject of the middle need not be an underlying object, but can be an underlying adjunct, and the thematic role of the grammatical subject is not restricted to being a Patient/Theme but can be e.g. an Experiencer or a Location.

A autora ressalta também que a interpretação do Agente vai depender do tipo de verbo e que essa interpretação é apenas uma consequência do nosso conhecimento de mundo (KLINGVALL, 2005, p. 111):³²

It might be the case that we interpret the middle [...] as in some sense agentive because our knowledge of the world makes us associate the verb cut with someone performing the action of cutting. That is, an event of cutting cannot take place without someone performing this action. Again, if the middle [...] specifies a property of this bread [for example], the property in question is one of easiness of cutting, i.e. the property is linked to the (possible) performance of an action. Therefore, if we interpret the middle [...] as agentive, that is because an agent is indirectly involved. Crucially, however, since the agent is not directly involved, it is not present structurally either, at any level. From this line of reasoning, the agentive flavor in middles is the result of our knowledge of world, not of a particular argument or projection being structurally present.

Klingvall conclui afirmando que parece lógico dizer que médias não são agentivas por falharem em alguns testes que identificam sintaticamente a presença desse

³² Na nossa argumentação, também consideramos que o tipo de verbo é relevante para a interpretação do Agente Implícito.

Agente, como apresentaremos nas próximas seções. Mas a autora admite que alguns exemplos ainda desafiam essa análise e chocam com a própria interpretação que os falantes dão às sentenças médias.

4.3 Problematização dos Testes

A intenção aqui é problematizar os testes disponíveis na literatura que identificam (ou não) o Agente implícito, comparando construções ergativas e médias. O foco são os dados do português, mas também apresentamos dados de outras línguas. Buscaremos mostrar que os testes não são conclusivos, de maneira que a interpretação de Agente implícito deve ser decorrente de outros traços (na nossa análise, o traço semântico de Modo/Instrumento).

4.3.1 Teste 1: Controle de PRO

A presença de um Agente implícito pode ser captada a partir de sentenças finais com controle PRO. O sujeito da oração final realizado por uma categoria vazia PRO é coindexado, na maioria das vezes, com o sujeito da oração principal. Para ilustrar, temos que em (91a) o sujeito da sentença principal é o mesmo da infinitiva. Porém, em (91b), uma passiva, PRO não é controlado sintaticamente por um elemento dentro da sentença e recebe interpretação arbitrária fora da sentença: quem construiu o parque não precisa ser aquele que tem a intenção de deixar as pessoas felizes.

(91) a. Mary_i read the book PRO_i to learn more about physics.

b. This park was built PRO_{arb} to keep people happy.

(KLINGVALL, 2005, p. 104)

Segundo a literatura, sentenças ergativas não pressupõem um Agente, e por isso não permitem construções de controle. Quanto ao controle ser possível em sentenças médias, a opinião dos autores diverge. Erteschik-Shir & Rapoport (1997) afirmam, por exemplo, que sentença de controle não co-ocorre com médias porque estas simplesmente não retêm qualquer Agente implícito.

No entanto, Stroik (1992, 1995, 1999) ressalta que o controle existe com verbo gerundivo, como ilustra (92a) em oposição ao dado (92b).³³ O segundo PRO em (92a) é controlado pelo primeiro PRO.³⁴ A não finitude do verbo em (92b) deixa a sentença agramatical.

(92) a. Bureaucrats bribe easily PRO_i after PRO_i doing them a favour or two.

b. *Bureaucrats bribe easily PRO_i PRO_i to keep them happy.

(STROIK, 1995, p. 169)

O trabalho de Pacheco (2008) utiliza o teste de controle de PRO como meio de identificar a existência sintática de argumento externo em sentenças ergativas, médias e passivas. Os exemplos em (93), com verbos não necessariamente agentivos, formam sentenças passivas com controle de PRO, mas, de acordo com Pacheco, o mesmo não ocorre em sentenças ergativas, como expresso em (94).

(93) Passivas

a. O gelo do freezer foi derretido [para PRO limpar o aparelho].

b. O vaso de cristal foi quebrado [para PRO irritar a dona de casa].

c. O barco foi afundado [para PRO receber a ação do seguro].

(PACHECO, 2008, p. 86)

(94) Ergativas

a. O gelo do freezer derreteu *[para PRO limpar o aparelho].

b. O vaso de cristal quebrou *[para PRO irritar a dona de casa].

c. O barco afundou *[para PRO receber o dinheiro do seguro].

(PACHECO, 2008, p. 86)

A autora se vale também de verbos que não formam sentenças ergativas, isto é, que possuem somente a variante média, e que são, segundo ela, necessariamente

³³ Orações gerundivas também podem ou não expressar um sujeito co-referente com a oração principal. Em (i), PRO se refere tanto a *John* quanto a um sujeito arbitrário. Em (ii), o sujeito vem expresso (cf. mais detalhes em PIRES, 2006).

(i) John_i is worried about PRO_{ij} *being* late.

(ii) John is worried about Mary_i PRO_i *being* late.

³⁴ O primeiro PRO é o argumento Agente de médias que ocorre junto ao VP, conforme postulado por Stroik (1992, 1995, 1999) (cf. seção 4.1.1).

agentivos. As passivas, em (95), mais uma vez licenciam sentenças com o controle de PRO. Todavia, sentenças médias só ocorrem em estrutura de controle com a presença do clítico *se*, como exemplificado nos dados em (96).

(95) Passivas

- a. O livro foi escrito [para PRO agradar as crianças].
- b. A água foi desperdiçada [para PRO irritar a dona da casa].
- c. A receita de bolo foi preparada [para PRO servir os convidados].

(PACHECO, 2008, p. 78)

(96) Médias

- a. Livro infantil escreve *[para PRO agradar as crianças].
- a'. Livro infantil SE escreve [para PRO agradar as crianças].

- b. Água desperdiça *[para PRO irritar a dona da casa].
- b'. Água SE desperdiça [para PRO irritar a dona da casa].

- c. Receita de bolo prepara *[para PRO servir os convidados].
- c'. Receita de bolo SE prepara [para PRO servir os convidados].

(PACHECO, 2008, p. 77-78, destaques da autora)

Conforme Pacheco (2008), o argumento implícito das sentenças passivas é o controlador de PRO, por isso todas as sentenças são gramaticais nesse contexto e a forma passiva do verbo absorve o papel temático de Agente. Isso faz com que o Agente implícito tenha forma sintática e possa controlar PRO. Ou seja, passivas têm, na análise da autora, um argumento externo sintaticamente ativo. Por outro lado, sentenças ergativas, para Pacheco, não licenciam orações finais, indicando que seu argumento externo é sintaticamente inativo. Nas sentenças médias, o clítico *se* atua como elemento controlador de PRO. Sua ausência torna as sentenças agramaticais, como mostra (96a-c) em oposição a (96a'-c').³⁵ De acordo com a autora, sentenças médias com o clítico *se* se aproximam de sentenças passivas, pois admitem controle de PRO, enquanto as

³⁵ Um fato importante é que o clítico não ocorre com todas as classes de verbos. A questão, então, é como fica a interpretação de Agente implícito nas sentenças médias em que *se* não aparece.

sentenças médias sem o clítico *se* se comportam como sentenças ergativas, por serem agramaticais em contexto de controle de PRO.

A esse respeito, citamos Rodrigues (1997), que tenta mostrar que a inserção de sentenças de controle não podem ser possíveis mesmo com a presença do clítico *se*:

(97) ??*Esses romances *se* lêem PRO para adquirir cultura.

(RODRIGUES, 1997, p. 120)

Em contextos específicos, podemos construir sentenças com controle de PRO tanto em estruturas ergativas como em médias. A interpretação de PRO nos parece ser arbitrária em todos os casos.

(98) a. Os preços baixaram para PRO garantir a competitividade.³⁶

b. A porta abriu para PRO facilitar a saída.

c. O estúdio fechou para PRO reformar.³⁷

(99) a. Porta de emergência abre rapidamente para PRO agilizar a saída.

b. Porta de shopping fecha rapidamente para PRO facilitar a entrada e a saída dos clientes.

c. Esses pisos varrem facilmente para PRO facilitar a arrumação da casa.

Como vemos, o teste de controle de PRO parece incontroverso para mostrar que passivas têm um Agente implícito, mas não é conclusivo com relação às médias e às ergativas.

4.3.2 Teste 2: Clítico *se*

Keyser & Roeper (1984), Rodrigues (1997) e Pacheco (2008) fazem referência, em seus trabalhos, à presença de um clítico *se* nas construções médias e/ou ergativas. Conforme a proposta de Rodrigues (1997), os verbos médios se dividem em três classes, segundo a possibilidade da ocorrência desse clítico. Verbos da classe I rejeitam a

³⁶ <http://migre.me/1R23A>. Acesso em: 14/06/2010.

³⁷ Estamos considerando a leitura em que *reformar* está empregado transitivamente, com objeto nulo, cuja referência é *o estúdio*.

presença de *se* na sentença média (cf. (100) e (101)), já os verbos da classe II não exigem a presença de *se*, mas podem admiti-lo (cf. (102) e (103)), e os verbos da classe III requerem, obrigatoriamente, segundo a autora, a presença do clítico *se* (cf. (104) e (105)).

(100) CLASSE I: ausência obrigatória de *se* – acelerar, afrouxar, afundar, amolecer, aquecer, assar, aumentar, cachear, capotar, colar, corar, cortar, cozinhar, descansar, derramar, derreter, diminuir, dourar, empobrecer, emudecer, encher, encompridar, encurtar, engrossar, esfriar, entortar, estourar, envergar, ferver, furar, rachar, torrar, trincar etc.

(101) a. Feijão roxinho (**se*) cozinha facilmente.

b. Pão de queijo (**se*) assa facilmente.

c. Manteiga (**se*) derrete facilmente.

d. Leite (**se*) ferve rapidamente.

(RODRIGUES, 1997. p. 95)

(102) CLASSE II: opcionalidade de *se* – abrir, acender, apagar, arrebentar, conectar, congelar, danificar, deformar, desbotar, dissolver, encaixar, endurecer, enrolar, enrugar, estilhaçar, estragar, entupir, envelhecer, fechar, misturar, moer, partir, propagar, quebrar, queimar, rasgar, romper, soltar, untar etc.

(103) a. Essa porta (*se*) fecha facilmente.

b. Essa janela (*se*) abre facilmente.

c. Esse vaso (*se*) quebra facilmente.

(RODRIGUES, 1997, p. 96)

(104) CLASSE III: presença obrigatória de *se* – arquivar, bordar, colher, construir, contornar, coroar, corrigir, corromper, costurar, cultivar, desperdiçar, desvalorizar, dirigir, elaborar, encadernar, esculpir, esmaltar, irrigar, lavar, ler, traduzir, transmitir, pintar, preparar, transcrever, transportar, projetar, lapidar, purificar, raspar, rebocar, recheiar, resgatar etc.

(105) a. Línguas eslavas *se* traduzem facilmente.

b. Esse tipo de ponte *se* constrói facilmente.

c. Essas doenças *se* transmitem facilmente.

(RODRIGUES, 1997, p. 96)

De acordo com Rodrigues (1997), sentenças médias podem ser formadas por verbos ergativos e não-ergativos. Os verbos das classes I e II formam tanto estruturas médias, quanto ergativas (cf. (101) e (103) para as sentenças médias e (106) e (107) para as sentenças ergativas). Os verbos da classe III, segundo a autora, não são capazes de formar sentenças ergativas, mas apenas médias, como mostram os dados em (105) em oposição aos dados em (108):

(106) Classe I

- a. O feijão cozinhou.
- b. O mármore da mesa riscou. (RODRIGUES, 1997, p. 98)

(107) Classe II

- a. O vaso de cristal (se) quebrou.
- b. As peças (se) encaixaram. (RODRIGUES, 1997, p. 98)

(108) Classe III

- a. *A obra de Platão se traduziu.
- b. *Essa ponte se construiu. (RODRIGUES, 1997, p. 98)

Com base na distribuição do clítico *se* e na formação de sentenças ergativas e médias por parte das classes de verbos, Rodrigues afirma que estruturas médias do português do Brasil podem:

- (i) Ter uma Causa implícita (verbos da classe I);
- (ii) Não envolver Causa implícita (verbos da classe II);
- (iii) Possuir um Agente implícito (verbos da classe III).

A autora também distingue os verbos das classes I e II dos verbos da classe III, evidenciando que aqueles são verbos de processo e que estes são verbos de ação. Segundo essa visão, a interpretação do Agente implícito decorre dessa distinção entre os verbos.³⁸

³⁸ Como dissemos, para Rodrigues (1997), médias envolvendo um Agente implícito são somente possíveis nas sentenças com verbos da classe III, que são verbos de ação não-ergativos. De certa maneira, esse pensamento de Rodrigues está em consonância com a nossa análise,

No entanto, Cambrussi (2007) apresenta dados com os verbos não-ergativos da classe III de Rodrigues, que podem ou não aceitar o clítico *se*:

- (109) a. Grego traduz facilmente.
b. Grego *se* traduz facilmente. (CAMBRUSSI, 2007, p. 30)

- (110) a. Essa camisa lava fácil.
b. Essa camisa *se* lava fácil. (CAMBRUSSI, 2007, p. 30)

Segundo a autora, dados do inglês e do francês mostram diferenças translinguísticas na ocorrência desse clítico em construções médias: em inglês, *se* não aparece, como descrito anteriormente; já em francês, o clítico é uma exigência.

- (111) a. Greek translates easily.
b. This shirt washes easily. (CAMBRUSSI, 2007, p. 31)

- (112) a. Le grec *se* traduit facilement.
b. Cette chemise *se* lave facilement. (CAMBRUSSI, 2007, p. 31)

Assim, a ocorrência ou não de *se* é variável de língua para língua. O que se discute é se a presença desse clítico configura verdadeiramente uma marca de Agente nessas sentenças, porque ele pode aparecer ou não tanto em construções ergativas quanto em construções médias. Fica ainda a questão de por que nem todos os verbos admitem a presença de *se*.

Por essa seção, vemos que a função do clítico *se* como manifestação morfológica do Agente Implícito em estruturas médias permanece em aberto. O uso desse clítico está sujeito a uma variação translinguística e sua distribuição entre os verbos médios e ergativos também é uma questão que demanda mais análises.

como será proposto adiante. Para nós, os verbos que formam apenas médias, ou seja, os do tipo de *pintar*, possuem um traço semântico de Modo/Instrumento que possibilita a interpretação de Agente implícito.

4.3.3 Teste 3: Advérbios Agentivos

A inserção de um advérbio agentivo, como *intencionalmente*, *cuidadosamente* e *voluntariamente*, às sentenças podem trazer evidências da presença de um Agente implícito. Roberts (1987) discute o contraste entre as duas sentenças abaixo, uma passiva e uma ergativa, respectivamente, em termos da seleção do advérbio:

- (113) a. The book was sold *voluntarily*.
b. *The book sold *voluntarily*. (ROBERTS, 1987, p. 105)

Segundo o autor, advérbios do tipo de *voluntarily* são compatíveis apenas com certos tipos de predicados. Tais predicados precisam expressar um Agente e uma leitura de evento. A sentença passiva em (113a) obedece a essas regras, por isso é gramatical. Já a sentença ergativa, em (113b), apesar de ter a leitura de evento, não expressa sintaticamente um termo Agente, sendo assim agramatical.

O mesmo acontece com os advérbios *deliberately* e *intentionally*. Segundo Roberts, a sentença ergativa (114a) não atende o requisito da expressão do Agente e a sentença estativa (114b) não atende o requisito da leitura de evento. Por isso, são marcadas como agramaticais.

- (114) a. *The ice *deliberately* melted.
b. *John *intentionally* knew the answer. (ROBERTS, 1987, p. 107)

A necessidade da ocorrência simultânea dos dois requisitos apontados por Roberts, um aspectual, o da leitura de evento, e um semântico, o do Agente, corrobora a nossa hipótese de que esses dois traços podem explicar a formação de sentenças ergativas e médias.

Por esse teste, verificamos que as sentenças médias não expressam Agente implícito porque formam sentenças agramaticais:

- (115) a. *Essa porta abre fácil *cuidadosamente*.
b. *Esse muro pinta fácil *cuidadosamente*.

Também para Klingvall (2005), o suposto Agente implícito de médias não licencia a presença de um advérbio agentivo:

(116) This book reads (*intentionally) easily. (KLINGVALL, 2005, p. 103)

Klingvall, citando Stroik (1999), ressalta que o advérbio orientado para o Agente não é permitido devido à falta de eventividade da construção média. Entretanto, a autora não considera esse um argumento adequado porque dados como em (117) são não eventivos, ou seja, não apontam para um evento específico e ainda assim ocorrem com advérbios orientados para o Agente.

(117) John *intentionally* smokes a cigarette a day. (KLINGVALL, 2005, p. 104)

Pacheco (2008) também discute a presença de advérbios orientados para o sujeito em construções ergativas e médias. Conforme a autora, apenas argumentos externos sintaticamente ativos licenciam advérbios agentivos. Pacheco mais uma vez se vale da comparação entre passivas, ergativas e médias e utiliza expressões agentivas como *de propósito* e *com cuidado e atenção*. Seguem-se os exemplos da autora de verbos não necessariamente agentivos, em contexto passivo e ergativo:

(118) Passivas

- a. O gelo do freezer foi derretido de propósito.
- b. O vaso de cristal foi quebrado de propósito.
- c. A janela foi aberta de propósito.

(119) Ergativas

- a. *O gelo do freezer derreteu de propósito.
- b. *O vaso de cristal quebrou de propósito.
- c. *A janela abriu de propósito. (PACHECO, 2008, p. 79)

Diante dos dados acima, Pacheco conclui que o fato de passivas serem gramaticais com advérbios agentivos é uma constatação de que há um argumento externo ativo, isto é, que pode estar expresso sintaticamente, nesse tipo de sentença. Já

as sentenças ergativas são agramaticais devido ao fato de que o argumento externo nessas estruturas, segundo a autora, não está disponível.

Pacheco (2008) verifica também como se comportam advérbios agentivos com verbos não-ergativos necessariamente agentivos:

(120) Passivas

- a. O livro foi escrito com cuidado e atenção.
- b. A água foi desperdiçada de propósito.
- c. A receita de bolo foi preparada com cuidado e atenção.

(PACHECO, 2008, p. 80)

(121) Médias

- a. *Livro infantil escreve com cuidado e atenção.
- a'. Livro infantil SE escreve com cuidado e atenção.

- b. *Água desperdiça de propósito.
- b'. Água SE desperdiça de propósito.

- c. *Receita de bolo prepara com cuidado e atenção.
- c'. Receita de bolo SE prepara com cuidado e atenção.

(PACHECO, 2008, p. 81, destaques da autora)

De acordo com as conclusões de Pacheco, mais uma vez, as sentenças passivas licenciam a presença de advérbios agentivos, como em (118) e (120). As sentenças ergativas em (119) são incompatíveis com advérbios agentivos. Já as sentenças médias, em (121), somente licenciam modificadores agentivos orientados para o sujeito quando da presença do clítico *se*, pois esse elemento faz as vezes de argumento externo sintaticamente ativo. No entanto, observamos que as sentenças médias em (122) abaixo, formadas com verbos não necessariamente agentivos, as quais não foram abordadas pela autora, mostram-se agramaticais mesmo com um clítico presente, significando que o clítico não licencia a presença do advérbio com os verbos em questão.

(122) Médias

- a. *Gelo do freezer derrete facilmente de propósito.
- b. *Vaso de cristal (se) quebra facilmente de propósito.
- c. *Janela de madeira (se) abre facilmente de propósito.

A distribuição do clítico *se* ainda demanda, portanto, mais análises sobre o papel que exerce em sentenças ergativas e médias.

4.3.4 Teste 4: Co-ocorrência com *all by itself*

A expressão *all by itself* significa sozinho/sem ajuda alguma. Conforme Keyser & Roeper (1984), a sentença ergativa (123a) é compatível com tal expressão por não pressupor a existência de um Agente. Por outro lado, a sentença média (123b) é agramatical, mostrando que haveria um Agente implícito.

- (123) a. The boat sank *all by itself*.
b. *Bureaucrats bribe easily *all by themselves*.

(KEYSER & ROEPER, 1984, p. 404)

Para Rapoport (1999), sentenças médias não têm Agente implícito. Todavia, a interpretação de agentividade evidenciada por alguns verbos se deve ao fato de eles terem um componente Modo/Instrumento (*Instrumental/Manner component*). Segundo a autora, esta informação está presente no item lexical, sendo inerente ao significado dos verbos do tipo de *cut*, *carve* e *crush*³⁹. Rapoport argumenta que esse componente traz em si a implicação de um proto-agente, que é o responsável pela leitura de agentividade. Nem todos os verbos possuem a leitura de Modo/Instrumento como parte de seu significado e com esses verbos não existe qualquer efeito de agentividade. Por isso, a agramaticalidade de (124) em oposição à gramaticalidade de (125).

³⁹ O comportamento desse verbo foi discutido por Fagan (1988) na seção 3.3.2.

- (124) a. *This kind of bread cuts easily all by itself.
b. *This wood carves easily all by itself.
c. *This ice crushes easily all by itself.

(RAPOPORT, 1999, p. 151)

- (125) a. This kind of glass breaks easily all by itself.
b. Milk chocolate melts smoothly all by itself.
c. These heavy windows open easily all by themselves.
d. These comic books sell (easily) all by themselves.

(RAPOPORT, 1999, p. 151, destaque da autora)

A análise de Salles & Naves (2009), que adotaremos aqui, corrobora, em certo sentido, a proposta de Rapoport (1999) de que o traço semântico Modo/Instrumento é inerente a alguns verbos. Dados do português mostram o mesmo comportamento que Rapoport notou no inglês: verbos do tipo de *abrir* aceitam a expressão *sozinho* sem problemas (cf. (126a)); entretanto, os verbos que possuem a leitura Modo/Instrumento, como *pintar*, constroem sentenças agramaticais (cf. (126b)).

- (126) a. A porta abriu *sozinha*.
b. *Esse portão pinta facilmente *sozinho*.

Nesse caso, a noção de Modo/Instrumento que o verbo *pintar* carrega impede que termos como *sozinho* ocorram porque essa noção implica a vinculação com um Agente implícito. No Capítulo 5, abordaremos essa questão mais em detalhe.

4.3.5 Teste 5: Co-ocorrência com Sintagma Instrumental

Diz-se que a ocorrência de sintagmas instrumentais é uma pista para afirmar a presença de Agente implícito em sentenças médias. Para Hale & Keyser (1987) e Klingvall (2005), o fato de alguns falantes considerarem que médias possuem um Agente pode ser provado pela possibilidade da ocorrência de um sintagma instrumento nessas sentenças:

- (127) a. This bread cuts easily *with a hacksaw*. (HALE & KEYSER, 1987, p. 11)
b. The window opens easily *with a knife*. (KLINGVALL, 2005, p. 101)

Nos dados do PB, o sintagma instrumental ocorre tanto em sentenças médias quanto em ergativas e com ambas as classes de *pintar* e *abrir*. Como instrumentos não atuam sozinhos no desencadeamento do evento, esperaríamos que esse teste resultasse na conclusão de que há Agente implícito tanto em ergativas quanto em médias.

- (128) a. A porta abriu com a chave reserva.
b. Essa porta abre facilmente com a chave reserva.

- (129) a. A bola furou com o prego.
b. Essa bola fura facilmente com um prego.

- (130) a. Cabelo liso (se) penteia facilmente com pente.
b. Esse portão pinta facilmente com pincel.

Entretanto, o instrumento, em ergativas, pode ser interpretado como tendo atuação independente do Agente (ou seja, sendo ele próprio o causador do evento, como em *A chave reserva abriu a porta/O prego furou a bola*), o que não ocorre com verbos médios por excelência (**O pente penteou o cabelo/*O pincel pintou o portão*). Um tratamento sintático para essa diferença é dado em Salles & Naves (2009), como veremos no Capítulo 5.

4.3.6 Teste 6: *By-phrases* e *For-phrases*⁴⁰

Analisando *for-phrases* e *by-phrases*, Klingvall (2005) diz que sentenças médias não são compatíveis com *by-phrases* e esse fato configuraria como uma evidência sintática de que o Agente implícito não existe nesse tipo de sentença:

⁴⁰ A preposição *by* é usada, normalmente, com sentido de *por*, se referindo a ações praticadas por um Agente. *For* está relacionado a algo dado ou destinado e é usado, normalmente, com sentido de *para*.

- (i) a. It was sent by me.
a'. Foi enviado por mim.
(ii) a. It was sent for me.
a'. Foi enviado para mim.

(131) *This bread cuts easily *by me*. (KLINGVALL, 2005, p. 107)

Entretanto, uma *for-phrase* pode ocorrer junto a médias apesar de essa estrutura ser considerada marginal por alguns falantes do inglês (ACKEMA & SCHOORLEMMER, 1995, p. 180). Os dados em (132) provam que um verbo usualmente dito ergativo, como *break*, também ocorre na forma média e com a presença de um *for-PP*.

(132) a. This kind of glass breaks easily *for clumsy people*.
b. This kind of window breaks easily *for experienced burglars*.
(KLINGVALL, 2005, p. 109)

Como observamos abaixo, sintagmas preposicionais de conteúdo agentivo tornam as sentenças ergativas e médias agramaticais em português:

(133) a. A porta abriu (*pelo João).
b. Essa porta abre facilmente (*pelo João).
c. Essa parede pinta facilmente (*pelo João).

Para Cambrussi (2007), o português aceita sintagmas preposicionais apenas se estes tiverem interpretação de Causa:

(134) Esse edredom lava fácil *pela ação do novo jato d'água*.
(CAMBRUSSI, 2007, p. 55)

Assim, concluímos que a presença de sintagmas preposicionais de conteúdo agentivo em estruturas ergativas e médias do português tornam as sentenças agramaticais, a menos que haja uma interpretação de causa, o que mostra que esse teste também não é conclusivo quanto à existência do Agente implícito.

4.4 Síntese do Capítulo

Este capítulo tratou da interpretação de Agente implícito que a literatura atribui às sentenças médias, contrariamente às sentenças ergativas. Apresentamos, primeiramente, as hipóteses que os estudos seguem em relação à existência desse Agente. Nas análises pré-sintáticas, o papel de Agente, embora não esteja projetado na sintaxe, está presente na grade temática do verbo. Em análises sintáticas, o papel temático é absorvido por um clítico abstrato ou é realizado na sintaxe por meio de PRO ou *pro*. Por fim, nas análises pós-sintáticas, a interpretação de Agente decorre do significado do verbo, em forma lógica.

Seguimos com a apresentação dos testes que identificam ou não a presença do Agente implícito. De modo geral, todos os testes abordados (controle de PRO, presença do clítico *se*, advérbios agentivos, (in)compatibilidade com a expressão *all by itself*, sintagmas instrumentais, *for-phrases* e *by-phrases*) não são de todo conclusivos como diagnóstico da presença de Agente implícito em sentenças médias, uma vez que também puderam se apresentar, em alguns casos, compatíveis com sentenças ergativas.

Por essa razão, na análise que vamos desenvolver, a interpretação de Agente implícito é decorrente do traço Modo/Instrumento que os verbos do tipo de *pintar* carregam. A noção de Agente seria inerente a esses verbos. Isso tem reflexo na configuração argumental do verbo, que não se torna habilitado a formar sentenças ergativas ou instrumentais (SALLES & NAVES, 2009). Seguindo essa linha, sentenças médias com verbos do tipo de *abrir*, que não possuem o traço de Modo/Instrumento, estariam “desobrigadas” da leitura de Agente, de onde concluimos que decorre a leitura do instrumento como Causa. No próximo capítulo, apresentamos essa proposta e apontamos evidências em favor dela.

CAPÍTULO 5

CONSTRUINDO UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

5.1 Introdução

Neste capítulo, construiremos a nossa proposta de análise, buscando responder a questão inicial desta pesquisa: o que distingue verbos que alternam nas formas ergativa e média, os do tipo de *abrir*, em relação àqueles que alternam apenas na forma média, os do tipo de *pintar*? Procuramos mostrar, nos capítulos precedentes, que os verbos que alternam nas formas ergativa e média se diferenciam daqueles que alternam apenas na média a partir de duas propriedades distintivas: uma aspectual e uma semântica.

A propriedade aspectual refere-se ao fato de as sentenças ergativas expressarem eventos e as sentenças médias, estados. No Capítulo 3, constatamos que as características atribuídas às sentenças médias (atemporalidade, interpretação genérica e presença modificadores) e às sentenças ergativas (tempo específico, interpretação episódica e ausência de modificadores) estão na base da diferença dos predicados estativos e dos predicados eventivos.

Por essa razão, consideramos que um traço aspectual, possivelmente o de telicidade, seja relevante para o licenciamento das sentenças ergativas, em oposição às médias, que se caracterizam pela atelicidade. No que diz respeito à propriedade semântica, investigamos a interpretação de Agente implícito conferida às sentenças médias em oposição às sentenças ergativas e verificamos que os testes empregados para diagnosticar o Agente implícito não são conclusivos de forma que pressupomos que haja algo subjacente a eles que esteja relacionado a essa interpretação. Por hipótese, consideramos aqui os traços da estrutura conceitual lexical das duas classes de verbos em questão, tomando como referência o trabalho de Salles & Naves (2009).

5.2 *Abrir vs. Pintar*

A alternância da diátese verbal exprime uma mudança na grade argumental do verbo e o significado dos verbos alternantes, ou melhor, os traços semânticos que eles carregam podem ser uma pista para determinar seu comportamento verbal. Essa visão

de que propriedades sintáticas particulares estão associadas a certos tipos semânticos de verbos favorecem a teoria da existência de uma Estrutura Conceitual Lexical Verbal.

Segundo Levin & Rappaport-Hovav (2008), o termo Estrutura Conceitual Lexical (*Lexical Conceptual Structure* – LCS) surge como referência à representação lexical do significado do verbo. O objetivo é captar que componentes do significado dos verbos determinam certo comportamento gramatical, particularmente, no que diz respeito à forma de realização dos argumentos. Desse modo, a projeção sintática de uma sentença advém de propriedades lexicais: *LCSs can capture these modulations in the meaning of a verb which, in turn, have an effect on the way a verb's arguments are morphosyntactically realized* (LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 2008, p. 4).

Os trabalhos com esse referencial assumem que os verbos guardam informações quanto aos argumentos externos e internos que projetam. Nesse caso, estamos assumindo que as informações lexicais que os verbos do tipo de *abrir* e *pintar* carregam influenciam a realização de seus argumentos em uma sentença. Um fenômeno relacionado às propriedades lexicais dos verbos são, então, as alternâncias de diátese verbal. Conforme Levin & Rappaport-Hovav (2008) é possível isolar componentes dos significados dos verbos, os quais podem determinar a sua possibilidade de sofrer ou não alternância sintática.

Segundo a nossa análise, a propriedade semântica do Agente implícito decorre do componente Modo/Instrumento que o verbo carrega em sua estrutura conceitual lexical. Esse componente está presente nos verbos que formam apenas sentenças médias, nesse caso, os do tipo de *pintar*. Esse fato é também o que impede o verbo de alternar ergativamente (SALLES & NAVES, 2009).

Salles & Naves (2009) examinam os verbos do tipo de *abrir* e de *pintar* no que diz respeito à alternância ergativa e instrumental.⁴¹ Os dados de alternância sintática com o Instrumento em posição de sujeito – alternância instrumental em (135b) – e com

⁴¹ Além de predicados que apresentam a chamada alternância causativa ou instrumental, Salles & Naves (2009) analisam também construções com alternância locativa (cf. (i)) e com alternância psicológica (cf. (ii)), interpretando o papel temático de Instrumento tanto no campo denotativo (físico, material) quanto no campo metafórico (abstrato, psicológico). Deixaremos esses dois tipos de alternância à parte, por não estarem ligados ao tema do nosso trabalho.

(i) a. A Maria bordou o vestido com lantejoulas.

b. A Maria bordou lantejoulas no vestido.

(ii) a. O João preocupa a Maria com esse tipo de comportamento.

b. *Esse tipo de comportamento* preocupa o João.

(SALLES & NAVES, 2009, p. 10-11, destaques das autoras)

o Tema na posição de sujeito – alternância ergativa (135c) – contrastam, segundo as autoras, com os dados em que essas alternâncias não são possíveis, como em (136b-c).

- (135) a. A Maria abriu a porta com a chave.
b. A chave abriu a porta.
c. A porta abriu (com a chave).

- (136) a. O João pintou a casa com um rolo.
b. *Um rolo pintou a casa.
c. *A casa pintou (com um rolo).

(SALLES & NAVES, 2009, p. 10-11, destaques das autoras)

Para Salles & Naves, em (135a) a noção de instrumento, embora presente na estrutura da sentença, não está implicada na estrutura conceitual lexical do verbo, enquanto em (136a), mesmo que o instrumento seja omitido, pressupõe-se que *João* tenha pintado a casa utilizando algum instrumento, nesse caso, *um rolo*. Ou seja, para o verbo *pintar*, mas não para *abrir*, a interpretação de instrumento é obrigatória, mesmo que ele não esteja expresso na sentença, de onde as autoras concluem que a estrutura conceitual lexical de verbos como *pintar* difere da estrutura conceitual lexical de verbos como *abrir*, no que se refere à informação de instrumento. Na proposta das autoras, essa distinção tem reflexos na configuração sintática em que o instrumento pode ocorrer.

Salles & Naves partem do pressuposto de que essa diferença na estrutura conceitual lexical dos verbos seja codificada por meio do estatuto sintático do sintagma introduzido pela preposição *com*, que é diferente em cada caso. Nos verbos que admitem as alternâncias, a relação entre Agente e Instrumento é obtida estruturalmente, por meio da ocorrência de um núcleo aplicativo que acrescenta um argumento à estrutura sintática. Entretanto, nos verbos que não admitem a alternância, o sintagma iniciado por *com* tem manifestação sintática independente do argumento externo, uma vez que o Instrumento está previsto na estrutura conceitual lexical do verbo.

As autoras concluem, pelo contraste entre verbos do tipo de *abrir* e do tipo de *pintar*, que a possibilidade de uma sentença ergativa (incoativa) ocorrer depende da presença ou ausência de traços selecionados pelo verbo para uma função de instrumento (SALLES & NAVES, 2009, p. 14):

A ausência de traços seletivos para o argumento Instrumento no verbo é condição para a manifestação da variante incoativa – somente nesse caso é possível construir a denotação independentemente da Causa/Causador; inversamente, na presença de traços lexicais para Instrumento, a variante incoativa é bloqueada.

Com base nessa conclusão, Salles & Naves propõem uma análise nos seguintes termos: para verbos cuja estrutura conceitual lexical prevê uma função instrumental, os argumentos Agente e Instrumento são projetados independentemente, o que bloqueia a alternância ergativa e instrumental, sendo esse o caso de *pintar*, enquanto para verbos cuja estrutura conceitual lexical não prevê uma função instrumental, o Instrumento é um argumento aplicado inserido na estrutura sintática, sendo esse o caso de *abrir*. Desse modo, o verbo pode configurar nas alternâncias ergativa e instrumental.

Assim, a abordagem do fenômeno da alternância sintática em termos de uma proposta de núcleo aplicativo resulta na seguinte explicação para o comportamento distinto entre os verbos da classe de *abrir* e de *pintar*: para os primeiros, *com* é um núcleo funcional (o núcleo aplicativo), em que são projetados dois argumentos – o Agente e o Instrumento – para os últimos, *com* é um núcleo lexical que introduz o Instrumento. O núcleo aplicativo é o responsável pelo fato de que, nas construções com verbos do tipo *abrir*, tanto o Agente quanto o Instrumento possam ocorrer na posição de sujeito, produzindo a alternância.

5.3 A Sufixação em *-or*: Evidências para a Alternância dos Verbos

Nesta seção, apresentamos evidências em favor de uma análise em termos da propriedade semântica Modo/Instrumento para a distinção entre os verbos *abrir* e *pintar*. A possibilidade da alternância verbal também pode ser captada por meio da formação de nomes pela sufixação em *-or*, o que constitui uma pista para a identificação das propriedades das estruturas conceituais lexicais das classes de verbos em questão.

Segundo a literatura, verbos que alternam ergativamente, quando acrescidos de *-or*, formam nomes de instrumentos. Por outro lado, os verbos que não possuem a variante ergativa formam nomes de Agente (ELISEU, 1984; LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 1992). Vemos que verbos da classe de *abrir*, quando afixados com *-or*, dão origem a nomes de instrumentos, enquanto verbos da classe de *pintar*, que não admitem a construção ergativa, quando afixados, produzem nomes de Agente. Em (137), temos

exemplos de sentenças ergativas com verbos da classe de *abrir* e, em (138), nomes de instrumentos formados a partir desses verbos:

- (137) a. A caixa abriu.
b. A água congelou.
c. O carro acelerou.
d. Os ovos quebraram.
e. A porta fechou.
f. O lápis apontou.
g. A bola furou.
h. Os jogadores aqueceram.
i. O vidro desembalou.
j. A carne moeu.

(138) abridor, congelador, acelerador, quebrador (noz, ovos), fechador (de caixa), apontador, furador, aquecedor, desembalador, moedor.

Fazem parte desse conjunto os seguintes verbos, que se constroem ergativamente, e os respectivos nomes de instrumento:

(139) despertar/despertador, coar/coador, acender/acendedor, ventilar/ventilador, abafar/abafador, radiar/radiador, planar/planador, refrigerar/refrigerador, resfriar/resfriador, afundar/afundador, aquecer/aquecedor, grampear/grampeador, incinerar/incinerador, esmagar/esmagador, apagar/apagador, bombear/bombeador, higienizar/higienizador, escorrer/escorredor, triturar/triturador, vaporizar/vaporizador, purificar/purificador, abotoar/abotoador, aparar/aparador, capacitar/capacitor, secar/secador, derreter/derretedor, triturar/triturador, desentupir/desentupidor, prender/preendedor, carregar/carregador.

Já em (140), temos verbos que não alternam ergativamente e, em (141), nomes de agentes formados pela derivação desses verbos por meio do sufixo *-or*:

- (140) a. *A parede pintou.
b. *O texto escreveu.
c. *A casa varreu.
d. *A ponte construiu.
e. *O chocolate comprou.
f. *O carro guardou.
g. *A estátua esculpiu.
h. *As compras empacotaram.
i. *A louça lavou.
j. *O texto traduziu.

(141) pintor, escritor, varredor, construtor, comprador, guardador, escultor, empacotador, lavador (de carro), tradutor.

Fazem parte desse conjunto os seguintes verbos, que se não se constroem ergativamente, e os respectivos nomes de Agentes:

(142) levantar/levantador, carregar/carregador, decorar/decorador, inventar/inventor, apresentar/apresentador, organizar/organizador, pichar/pichador, pescar/pescador, adestrar/adestrador, tatuar/tatuador, mergulhar/mergulhador, revisar/revisor, entregar/entregador, pesquisar/pesquisador, maquiagem/maquiador, atirar/atirador, negociar/negociador, cortar/cortador⁴².

Essa distinção na relação entre Agente e Instrumento para as duas classes de verbos teria, na nossa visão, impacto sobre o tipo de formativo em *-or*: quando a estrutura conceitual lexical do verbo não contém a informação sobre Instrumento, o sufixo tem a função de introduzir essa informação, motivo pelo qual as formações em

⁴² Uma análise mais apurada do verbo *cortar* parece promissora. No caso do sufixo *-or*, existe a interpretação tanto de instrumento quando de agente: *cortador de unha*, *cortador de legumes*, *cortador de grama*, *cortador de cana*. Esse verbo forma sentença média, mas não forma sentença ergativa:

(i) Essa carne corta fácil.

(ii) *A carne cortou.

Por outro lado, nota-se o registro de sentenças tais como:

(i) Isso não quer cortar.

(ii) Meu braço cortou todo.

(dado de fala)
(PERINI, 2008, p. 324)

(138) e (139) se referem a nomes de instrumento; por outro lado, quando a estrutura conceitual lexical do verbo já traz a informação sobre Instrumento, o sufixo *-or* remete ao Agente, caso das formações em (141) e (142).⁴³

A proposta de Salles & Naves (2009) é compatível com os resultados decorrentes da sufixação em *-or* no seguinte sentido: as autoras propõem, como foi dito, que a alternância sintática de verbos como *abrir*, que tanto admitem o Instrumento em posição de sujeito como se constroem ergativamente e em sentença média, decorre do fato de que esses verbos não possuem uma função de Instrumento em sua estrutura conceitual lexical, sendo o sintagma Instrumento acrescentado à estrutura por um núcleo aplicativo que o vincula ao Agente. Já verbos como *pintar*, que somente admitem a construção média, possuem, segundo as autoras, uma função Instrumento em sua estrutura conceitual lexical, de forma que o Instrumento é projetado como argumento de uma preposição lexical. Por trás dessa proposta, está a ideia de que Agente e Instrumento se associam semanticamente de formas distintas nos dois casos: para o verbo *abrir*, eles são independentes, podendo o Agente desencadear o evento sem o auxílio do Instrumento (ou, em contrapartida, o Instrumento figurar como uma espécie de desencadeador do evento, sem que o Agente seja manifesto, caso em que o Instrumento ocorre como sujeito); para o verbo *pintar*, só é possível conceber o evento se Agente e Instrumento estão vinculados (ou seja, mesmo sem a presença do Instrumento, pressupõe-se que o Agente tenha se utilizado de um Instrumento para desencadear o evento).

5.3.1 Verbos Formados por Nomes de Instrumento

Salles & Naves (2009) verificam que verbos denominais que têm em suas propriedades lexicais a noção de Instrumento não admitem a alternância instrumental e a ergativa, como demonstrado em (143b-c), em que temos o instrumento *escova* e seu respectivo verbo *escovar*.

⁴³ Alguns nomes como *investidor*, *perdedor*, *importador*, entre outros, parecem não ter, aparentemente, uma informação de instrumento em sua estrutura conceitual lexical, mas sendo nomes agentes, do mesmo modo os respectivos verbos não alternam na forma ergativa: **O dinheiro investiu*, **O jogo perdeu*, **A bolsa importou*. Deixamos essa questão para pesquisas futuras.

- (143) a. O funcionário escovou o terno com a escova de plástico.
b. *A escova de plástico escovou o terno.
c. *O terno escovou.

(SALLES & NAVES, 2009, p. 15)

Nessa situação, dada a proposta de Salles & Naves (2009), esperava-se mesmo que a alternância ergativa não ocorresse, uma vez que os verbos portam um traço semântico de Instrumento em sua estrutura lexical, devendo-se comportar como *pintar*. De fato, identificamos que os verbos em (144), formados a partir de nomes de instrumento, não admitem alternância ergativa, como se nota em (145b) e (146b), mas estão alternando na forma média, como em (145c) e (146c).

- (144) garfo/garfar, faca/esfaquear, martelo/martelar, carimbo/carimbar, parafuso/parafusar, pá/palear, espeto/espetar, pedra/apedrejar, chicote/chicotear, pente/pentear, apito/apitar, pincel/pincelar, marreta/marretar, escova/escovar, cera/encerar, sabão/ensaboar, filtro/filtrar, lixa/lixar, regador/regar, rastelo/rastelar.

- (145) a. João penteou o cabelo.
b. *O cabelo penteou.
c. Meu cabelo penteia facilmente.

- (146) a. João apitou o jogo.
b. *O jogo apitou.
c. Esse jogo se apita facilmente.

Mas conforme Salles & Naves (2009) há contra-exemplos aparentes com os verbos *enfeitar* e *envenenar*, também denominais formados a partir do nome do instrumento, que alternam na formas ergativas e instrumental:

- (147) a. Os comerciantes enfeitaram as lojas com arranjos de Natal.
b. Os arranjos de Natal enfeitaram as lojas.
c. As lojas *(se) enfeitaram.

(SALLES & NAVES, 2009, p. 16)

- (148) a. O João envenenou o gato com o cianureto.
b. O cianureto envenenou o gato.
c. O gato *(se) envenenou.

(SALLES & NAVES, 2009, p. 16)

Segundo as autoras, o resultado esperado seria que esses verbos bloqueassem a alternância instrumental e a ergativa, como o verbo *escovar*. A explicação de Salles & Naves é que haveria, dentro da classe dos denominais, uma subdivisão entre verbos formados a partir de instrumentos que contém um princípio ativo e que podem funcionar eles próprios como mecanismos que desencadeiam um evento e verbos formados a partir de instrumentos que só desencadeiam um evento quando estão sob a ação de um Agente. Os primeiros alternam, enquanto os últimos não alternam.

Observamos que sentenças médias também são possíveis com esses verbos, como em (149) abaixo.

- (149) a. Lojas de shopping se enfeitam rapidamente.
b. Gato de rua se envenena facilmente.

Nos nossos dados, aparece também o verbo *filtrar*, que é um exemplo de verbo denominal que admite as alternâncias instrumental, ergativa e média (cf. (150)). O *filtro*, instrumento que dá origem ao verbo, funciona como uma espécie de mecanismo autônomo no desencadeamento do evento, admitindo alternância, da mesma forma que *enfeitar* e *envenenar* na proposta de Salles & Naves (2009).

- (150) a. João filtrou a água (com o filtro).
b. O filtro de barro filtrou água.
c. A água filtrou.
d. A água desse filtro filtra rapidamente.

Assim, tomando por base a proposição das autoras de que os verbos formados a partir de nomes de instrumentos se subdividiriam em duas classes, uma se comportando como *pintar*, sem alternância, e outra se comportando como *abrir*, com alternância, vejamos como se portam essas duas classes verbos frente à sufixação em *-or*. Os

predicados que não admitem a alternância ergativa (cf. (151)) formam nomes de agentes, como seria previsto (cf. (152)).

- (151) a. *O documento carimbou.
b. *O cabelo penteou.
c. *O terno escovou.
d. *A parede lixou.
e. *A vítima esfaqueou.
f. *O gato apedrejou.
g. *A partida de futebol apitou.
h. *As compras empacotaram.

(152) carimbador, penteador, escovador, lixador, esfaqueador, apedrejador, apitador (juiz de futebol), empacotador.

Os predicados que admitem a alternância ergativa (cf. (153)), os quais, segundo Salles & Naves (2009) são formados a partir de instrumentos interpretados como contendo um princípio ativo que funcionam *sozinhos* no desencadeamento do evento, apresentam leitura de instrumento (cf. (154)). Alguns nomes deverbais dessa classe possuem uma leitura ambígua entre nome de instrumento e nome de agente, como *envenenador*, que aponta tanto para “aquele que envenena”, o Agente, quanto para a substância, o instrumento.

- (153) a. A massa do pão fermentou.
b. O gato se envenenou.
c. A água filtrou.

(154) fermentador, envenenador, filtrador.

A seguir, tratamos dos sufixos *-or* e *-nte*, com interpretação de instrumento e agente.

5.3.2 As Terminações *-or* e *-nte*

Há um outro grupo de verbos alternantes cujos nomes deverbais podem ser formados tanto pela sufixação *-or* quanto *-nte*, sufixo descrito diacronicamente como formador de nomes de agentes (MARINHO, 2009). Observamos que os nomes deverbais em *-or* são ambíguos entre a interpretação de agente ou de instrumento, enquanto as formações em *-nte* são interpretadas como instrumentos que funcionam como princípios ativos – na linha do que propuseram Salles & Naves (2009) para uma parte dos denominais formados por nomes de instrumento:

- (155) a. Tente colocar água na panela e vá cozinhando até sentir que a carne *amaciou*.⁴⁴
b. Meu cabelo *alisou* de novo e tá lindo agora [...].⁴⁵
c. Meu corpo *desintoxicou* e meu sangue limpou.⁴⁶
d. O café já *adoçou*.
e. Minha pupila *dilatou*.

- (156) amaciador/amaciante, alisador/alisante, desintoxicador/desintoxicante, adoçador/adoçante, dilatador/dilatante.

O emprego do sufixo *-nte*, formador de nomes de agente, se justificaria, na nossa análise, pelo fato de que princípios ativos atuariam como espécies de agentes, desencadeando, eles próprios, os eventos.

5.3.3 Verbos Polissêmicos

Constatamos, ainda, verbos polissêmicos que ora se apresentam como alternantes, ora como não alternantes, como nos casos de *carregar* e *prender*. A previsão que temos seguido se confirma no sentido de que a formação de nomes de instrumento está associada à possibilidade de alternância verbal (cf. (157) e (159)),

⁴⁴ <http://migre.me/1zMqM>. Acesso em: 19/08/2010.

⁴⁵ <http://migre.me/1zMyE>. Acesso em: 19/08/2010.

⁴⁶ <http://migre.me/1zOUB>. Acesso em: 19/08/2010.

enquanto a formação de nomes de agente está associada à impossibilidade de alternância verbal (cf. (158) e (160)):

- (157) a. João carregou o celular.
b. O celular carregou.
c. Instrumento: *carregador* de celular
- (158) a. João carregou os presentes.
b. *Os presentes carregaram.
c. Agente: *carregador* de presentes.
- (159) a. Joana prendeu o cabelo
b. Meu cabelo não prendeu.⁴⁷
c. Instrumento: *prendedor* de cabelo.
- (160) a. A polícia prendeu os bandidos.
b. *Os bandidos prenderam.
c. Agente: *prendedor* de bandidos

Em (158a) e (160a), *João* e *a polícia* são os agentes do evento. Entretanto, em (157a) e (159a), respectivamente, *João* não transmite carga para o celular (quem faz isso é o carregador), assim como não é *Joana* que prende o cabelo (quem faz isso é o prendedor de cabelo).

Esses dados apontam para o mesmo fato indicado em Salles & Naves (2009) para o tipo de instrumento. No caso de (157) e (159), os instrumentos parecem atuar de forma autônoma no desencadeamento do evento, o que daria origem também aos formativos em *-or* como nomes de instrumentos, enquanto em (158) e (160), é pela ação dos agentes que o evento se desencadeia, de tal maneira que os formativos em *-or* remetem a esse papel temático.

Diante dos fatos observados nas seções precedentes, concluímos que a estrutura conceitual lexical do verbo *abrir* não carrega o traço de [Modo/Instrumento] e isso acarreta que a sentença ergativa ou média formada a partir desses verbos não terá informação de Agente implícito obrigatória. Já a estrutura conceitual lexical do verbo

⁴⁷ Dado de fala.

pintar, carrega o traço de [Modo/Instrumento] e isso acarreta a interpretação de Agente implícito vinculada às sentenças médias formadas com esse verbo.

5.4 Derivação das Sentenças Ergativas e Médias

Tendo em vista a nossa análise de que a diferença entre verbos que formam sentenças ergativas e médias e verbos que só formam sentenças médias se deve a um traço aspectual e um traço semântico, postulamos que Asp é o núcleo funcional responsável por codificar o primeiro traço aspectual e T é o núcleo funcional vinculado ao traço semântico Modo/Instrumento.

A motivação para essa proposta advém dos trabalhos de Naves (1998, 2005) para a alternância sintática dos predicados psicológicos. Segundo Naves (1998), predicados psicológicos que alternam (*A inflação preocupa o governo* e *O governo se preocupa com a inflação*) projetam dois núcleos funcionais, T e Asp (T dominando Asp), sendo Asp o núcleo responsável pela interpretação de afetação (relacionada à interpretação de mudança de estado psicológico do argumento Experienciador) e T o núcleo responsável por introduzir o Causador (no caso da estrutura transitiva *A inflação preocupa o governo*). Em Naves (2005), a autora estende aos predicados causativos que alternam ergativamente a análise de que a classe dos verbos alternantes se caracteriza por apresentar o traço aspectual de telicidade e o traço semântico de mudança de estado.⁴⁸

Na nossa proposta de análise para a distinção entre verbos que têm alternância ergativa e média em oposição àqueles que só admitem a média, assumimos que telicidade seja o traço aspectual relevante para a distinção entre sentenças ergativas e médias, o que resulta em interpretação eventiva (com tempo específico e interpretação de afetação do argumento interno) nas ergativas e em interpretação estativa (atemporal e com interpretação de propriedade do argumento interno) nas médias, propriedades que discutimos no Capítulo 3. Propomos, então, que Asp codifica a propriedade de evento nas sentenças ergativas dando conta do traço aspectual lexical de telicidade dos verbos

⁴⁸ Naves (2005) propõe uma análise unificada da alternância verbal dos predicados psicológicos e da alternância causativo-ergativa, argumentando que os verbos psicológicos alternantes têm interpretação causativa, ou seja, bieventual: *A inflação preocupa o governo* equivale a *A inflação faz o governo ficar preocupado*.

que admitem a alternância ergativa. Por hipótese, apenas verbos que alternam ergativamente (ou seja, verbos do tipo de *abrir*) projetam um núcleo Asp.

Verbos que apresentam apenas a possibilidade de formar sentenças médias, por consequência, projetam apenas T. Essa análise se justifica porque os verbos que pertencem a essa classe (os do tipo de *pintar*) são verbos considerados aspectualmente como atividades, que, por natureza, constituem eventos atélícos, sem um ponto final definido lexicalmente, e não atribuem a seus argumentos a interpretação de afetação. A interpretação de evento concluído ou não, no caso dos verbos do tipo de *pintar* se dá na perspectiva do aspecto gramatical, que é uma propriedade do núcleo T, ficando Asp restrito a traços aspectuais lexicais. Além disso, esses verbos se caracterizam, como defendemos anteriormente, pelo traço semântico Modo/Instrumento, presente em sua estrutura conceitual lexical, o que reforça o caráter de atividade/processo dessa classe.⁴⁹

Assim, a diferença entre os verbos que são o objeto de estudo deste trabalho é que os da classe de *abrir* podem projetar Asp e T quando formam ergativas (porque dispõem de um traço aspectual de telicidade) ou apenas T quando formam médias, enquanto os da classe de *pintar* projetam somente T, não estando disponível para eles uma posição sintática em que o traço aspectual possa ser licenciado (de onde decorre que sentenças ergativas com esses verbos são agramaticais).⁵⁰ Essa proposta está representada a seguir:

(161) Verbos do tipo de *abrir*

a. Alternância ergativa: [TP Essa porta_j abriu_k [AspP t_j t_k [VP t_k t_j]]]

b. Alternância média: [TP Essa porta_j abre_k [[VP t_k t_j]]]⁵¹

⁴⁹ Essa propriedade também nos permite supor que a posição de argumento externo seja projetada na estrutura por força do traço semântico Modo/Instrumento, que se associa semanticamente ao papel temático de Agente, mesmo quando ele não é realizado foneticamente. Essa projeção estrutural da posição de argumento externo (por hipótese, Spec/vP) pode ser a responsável pela interpretação de Agente implícito usualmente atribuída às médias. Essa hipótese não será desenvolvida nesse trabalho, razão pela qual a estrutura em (ii) não apresenta a projeção vP. Pretendemos voltar a essa questão em pesquisas futuras.

⁵⁰ Um problema que deixaremos em aberto aqui por não se tratar de uma questão da nossa pesquisa é por que verbos do tipo de *pintar* ocorrem em sentenças ergativas no PB, desde que com algum modificador adverbial ou temporal esteja presente, como em *O prédio da esquina construiu rápido* ou *O portão da vizinha já pintou*. Esse tipo de construção tem sido amplamente estudado. Remetemos ao trabalho de Naves & Lunguinho (2008), que analisam o fenômeno do ponto de vista aspectual, e às referências lá contidas.

⁵¹ Nas representações das construções médias, optamos por não inserir o modificador na estrutura da sentença.

(162) Verbos do tipo de *pintar*

Alternância média: [_{TP} Essa porta_j pinta_k [[_{VP} t_k t_j]]]

Essa análise tem três consequências. A primeira é que o núcleo Asp, que tem sido considerado objeto de variação translinguística, é também considerado como objeto de variação intralinguística, ocorrendo em certas construções mas não em outras, a depender dos traços aspectuais lexicais dos verbos. Esse tipo de variação intralinguística com relação ao núcleo Asp se encontra em MacDonald (2008, p. 138), que afirma:

I argue that in English while AspP is present in eventive predicates, it is absent in stative predicates. AspP varies both cross-linguistically and intra-linguistically. Furthermore, I argue that the optional presence of AspP accounts for stative-eventive aspectually variable predicates. This range of variation around the same element is one way in which we might expect that language variation to be minimalist.

A segunda consequência é que a nossa análise considera que construções ergativas e médias, embora superficialmente semelhantes, sejam sintaticamente distintas, o que se distingue, por exemplo, da proposta de Cambrussi (2007), que propõe que se trata de uma única construção, com sentidos distintos. Acreditamos que a diferença de sentido decorre de configurações estruturais distintas, especialmente relacionadas à projeção do núcleo Asp em ergativas e não em médias.

A terceira consequência é que a distinção entre PNEs e PNIs poderia ser captada pelo mesmo tipo de configuração: PNEs, que possuem a interpretação de estado transitório/episódico, têm relação com a propriedade aspectual de telicidade, projetando tanto Asp quanto T, enquanto PNIs, que expressam estados permanentes, pela semelhança com a interpretação de propriedade atribuída às médias projetam apenas T.

5.5 Síntese do Capítulo

Examinamos o comportamento distinto de duas classes de verbos, *pintar* e *abrir*, quanto às alternâncias ergativa e média. Propomos que as estruturas ergativas e médias podem ser explicadas a partir de um traço aspectual (evento para ergativas e estado para

médias) e um traço semântico de Modo/Instrumento (marcado negativamente para ergativas e positivamente para médias).

Discutimos que o fato de a noção de instrumento já estar prevista na estrutura conceitual lexical dos verbos do tipo de *pintar* impede a formação da alternância ergativa e instrumental, contrariamente ao que acontece nos verbos do tipo de *abrir*, que não apresentam a prerrogativa de instrumento em sua estrutura conceitual lexical (SALLES & NAVES, 2009). Assim, por hipótese, a interpretação de Agente implícito nas construções médias decorre de propriedades lexicais dos verbos, enquanto nas construções ergativas essa interpretação depende da projeção sintática de um argumento Instrumento “aplicado”. Uma evidência desse comportamento está pautada no fato de que diante do sufixo *-or* a classe de *abrir* forma nomes de instrumentos e a classe de *pintar* nomes de agentes. Na derivação das sentenças, postulamos que Asp é o núcleo funcional responsável pelo traço aspectual, nesse caso, pelo traço télico dos verbos do tipo de *abrir*, de forma que verbos do tipo de *pintar*, que não carregam o traço aspectual lexical de telicidade não o projetam. Assim, verbos da classe de *abrir* projetam os núcleos Asp e T, podendo formar sentenças ergativas e sentenças médias, enquanto verbos da classe de *pintar* projetam apenas T, formando apenas sentenças médias.

CONCLUSÕES FINAIS

Esta dissertação tratou da configuração sintática de duas classes de verbos: *abrir* e *pintar*. A primeira classe alterna nas formas ergativa e média. A segunda classe alterna apenas na forma média. A questão de pesquisa foi formulada de modo a entender o porquê desse comportamento distinto.

Expusemos as propriedades das sentenças ergativas e das sentenças médias com o objetivo de reduzi-las a apenas duas: uma propriedade aspectual e uma propriedade semântica. Esse objetivo tem respaldo em termos de um programa de investigação que preconiza que um número menor de propriedades para a derivação de uma sentença pode ser menos dispendioso para o sistema e para uma gramática minimalista.

Quanto à propriedade aspectual, ressaltamos que sentenças ergativas expressam eventos, ou seja, situações dinâmicas télicas, e sentenças médias expressam estados, isto é, situações não dinâmicas atélicas.

Essa divisão se sustenta pelo fato de as propriedades aspectuais de ergativas – temporalidade e interpretação episódica – e as propriedades aspectuais de médias – atemporalidade e interpretação genérica – também serem as propriedades que distinguem eventos de estados. O modificador serve tanto para a interpretação de estado, ao se associar a interpretação genérica de médias, como para a interpretação de evento, ao se associar a uma construção ergativa.

Vimos que as sentenças estativas podem ser divididas entre sentenças de Predicados de Nível Individual (ou sentenças estativas permanentes) e sentenças de Predicados de Nível de Estágio (ou sentenças de sentido transitório/episódico). Médias se aproximam de PNIs porque têm sentido permanente. Ergativas se aproximam de PNEs porque possuem interpretação episódica e escopo sobre eventos.

Na discussão sobre a propriedade semântica relevante para a distinção entre sentenças ergativas e médias, o que esteve em análise foi a interpretação de Agente implícito atribuída às sentenças médias, contrariamente às ergativas. Investigamos a existência desse Agente a partir dos testes de controle de PRO, clítico *se*, co-ocorrência com advérbios agentivos, sintagmas instrumentais, *all by itself*, *for-phrases* e *by-phrases*, que, de modo geral, se mostraram inconclusivos quanto a determinarem ou não uma marca de Agente em sentenças médias e não em ergativas.

Postulamos, então, que o traço de Modo/Instrumento é o responsável pela interpretação de Agente implícito. O verbo que só forma sentenças médias, ou seja, o do tipo de *pintar*, carrega em sua estrutura conceitual lexical a noção de instrumento. Esse fato afeta, segundo Salles & Naves (2009), a configuração sintática do verbo, que não forma a sentença de alternância ergativa e tampouco a de alternância instrumental, também investigada pelas autoras. Os verbos que formam sentenças ergativas e médias, ou seja, os do tipo de *abrir*, não carregam em sua estrutura conceitual lexical a noção de instrumento, ou seja, não possuem um traço de Modo/Instrumento. Mostramos que, na nossa análise, essa propriedade semântica acarreta a leitura de Agente implícito para as sentenças com verbos do tipo de *pintar*, mas não para verbos do tipo de *abrir*.

Em termos estruturais, postulamos que sentenças ergativas projetam um núcleo Asp e um núcleo T e sentenças médias apenas T. Asp codifica o traço aspectual da telicidade relevante para a sentença ergativa e T codifica o traço semântico [+/- Modo/Instrumento] do verbo. Como Asp está ligado à codificação do traço aspectual lexical de telicidade, que é próprio dos verbos do tipo de *abrir*, que são processos culminados e culminações (ao contrário dos verbos do tipo de *pintar*, que são atividades), consideramos que Asp é objeto de parametrização intralinguística, sendo projetado apenas por verbos que carregam esse traço aspectual lexical, os quais podem formar ergativas e também médias. Verbos que não carregam esse traço, por sua vez, formam apenas médias porque não projetam Asp.

Por fim, acreditamos ter trazido diversas questões teóricas e práticas quanto ao funcionamento da língua portuguesa, especialmente no que diz respeito à alternância verbal, além de termos apresentado uma discussão sobre as propriedades relevantes para a formação das sentenças ergativas *vs.* sentenças médias em termos da atuação de apenas dois traços, um aspectual e um semântico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKEMA, P.; SCHORLEMMER, M. Middles and nonmovement. *Linguistic Inquiry* 26:173-197, 1995.

ALVES, B. C. G. *A metáfora do evento como movimento: construções do aspecto no português do Brasil contemporâneo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

BASSANI, I. S.; SCHER, A. N. Os traços temporais e as estruturas do português brasileiro. *Revista Letras* n. 19. Ed. UFPR, 2006.

BARBOSA, J. W. C. *A estrutura das chamadas “construções resultativas em PB”*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo: 2008.

BORGES, J. N. Empreendimento gerativo. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (org.). *Introdução à linguística* (vol. III): fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2005.

BURZIO, L. *Intransitive verbs and Italian auxiliaries*. Cambridge, Mass. Tese de Doutorado. MIT, 1981.

CAMBRUSSI, M. F. *Médias e Ergativas: uma construção, dois sentidos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

CARLSON, G. A Unified Analysis of the English Bare Plural in *Linguistics and Philosophy*, vol. 1, p. 413-456, 1977.

CARRIER, J. & RANDALL, J. The argument structure and syntactic structure of resultatives. *Linguistic Inquiry* 23: 173:234, 1992.

CASTILHO, A. Aspecto verbal no português falado. In: M. Abaurre, A. Rodrigues (orgs). *Gramática do português falado: estudos descritivos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

CHIERCHIA, G. Individual-Level Predicates as Inherent Generics in G. Carlson e F. Pelletier (eds.), *The Generic Book*, Chicago, p. 176-223. University of Chicago Press, 1995.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

_____. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.

_____. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Netherlands: Foris Publications, 1981.

_____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

_____. *Linguagem e Mente: Pensamentos Atuais sobre Antigos Problemas*. Editora da Universidade de Brasília, 1998.

CHUNG, T. On English Middle Formation. *Studies in Generative Grammar*. Vol. 6, n. 2, p. 281-317, 1996.

CIRÍACO, L. S. *A alternância causativo-ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas*. Dissertação de mestrado. UFMG, 2007.

_____. Transitividade dos verbos alternantes: uma proposta semântica. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 36-60, 2009.

_____. *A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as construções incoativa, medial e passiva do PB*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2011.

CUNHA, L. F. A. S. L. *As construções com progressivo no português: uma abordagem semântica*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto, 1998.

_____. *Semântica das Predicações Estativas: para uma Caracterização Aspectual dos Estados*. Tese de Doutorado. Universidade do Porto, 2004.

_____. Reconsidering stative predictions, their behavior and characteristics. *Cadernos de Linguística* 11, Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2005. Disponível para acesso em: <http://migre.me/4zOaZ>.

ELISEU, A. *Verbos ergativos do português: descrição e análise*. Trabalho de síntese. Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1984.

ERTESCHIK-SHIR, N. & T. RAPOPORT, R. A theory of verbal projection. In: *On Interfaces in Linguistic Theory* eds. G. Matus & M. Miguel, 129-148. Lisboa: APL/Edições Colibri, 1997.

FAGAN, S. M. B. The English Middle. *Linguistic Inquiry*. n. 19: 181–203, 1988.

_____. *The syntax and semantics of middle constructions: a study with special reference to German*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

FOLTRAN, M. J. G. D. *As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1999.

HALE, K.; KEYSER, S. Some transitivity alternation in English. *Lexicon project working papers* 7. Cambridge, Mass., MIT, 1986.

_____. A view from the middle. *Lexicon Project Working Papers* 10. Cambridge: MIT, 1987.

_____. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

HOEKSTRA, T.; ROBERTS, I. Middle construction in Dutch and English. In *Knowledge and language. Vol. 2: Lexical and conceptual structure*, eds. E. Reuland & W. Abraham, 183-220. Dordrecht: Kluwer, 1993.

HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN, K. K. *Understanding minimalism*. New York: Cambridge University Press, 2005.

ILARI, R.; BASSO, R. M. Estativos e suas características. *Revista brasileira de linguística aplicada*, v. 4, n. 1, 2004.

JACKENDOFF, R.; GOLBERG, A. E. *The English resultatives as a family of constructions*. University of Illinois, 2002. Disponível para acesso em: <http://migre.me/4FYdQ>.

KEYSER, S.; ROEPER, T. On the middle and ergative constructions in English. *Linguistic Inquiry*, v. 15, p. 381-416, 1984.

KLINGVALL, E. *Aspectual properties of the English middle constructions*. The Department of English in Lund: Working Papers in Linguistics, vol. 3, 2003.

_____. A secret agent in the middle? *The Department of English: working papers in English linguistics*, vol. V, ed. by Heinat F. and E. Klingvall, 2005.

KRATZER, A. Stage-Level and Individual-Level Predicates in G. Carlson e F. Pelletier (eds.), *The Generic Book*, Chicago, p. 125-175. University of Chicago Press, 1995.

LEITE, M. A. *Resultatividade: Um estudo das construções resultativas em português*. Tese de Mestrado. Universidade do Rio de Janeiro, 2006.

LEVIN, B. & RAPPAPORT-HOVAV, M. -er Nominals: Implications for a Theory of Argument Structure. In: T. Stowell and E. Wehrli, eds., *Syntax and Semantics 26: Syntax and the Lexicon*, Academic Press, New York, NY, 127-153, 1992.

LEVIN, B. *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. The causative alternation: a probe into lexical semantics and argument structure. In: _____. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 79-133, 1995.

_____. *Lexical Conceptual Structure'*, in K. von Stechow, C. Maienborn, and P. Portner, eds., *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning*, Mouton de Gruyter, Berlin. Revised November, 2008. Disponível para acesso em: <http://migre.me/4w7br>.

LOBATO, L. M. P. *Sintaxe gerativa do português*. Belo horizonte: Vigília, 1986.

_____. *Afinal, existe a construção resultativa em português?* In: ILARI, R. Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, p.142-180, 2004.

- MARELJ, M. *Middles and argument structure across languages*. Ph.D. dissertation. Utrecht: LOT, 2004.
- MARINHO, M. A. F. *Do latim ao português: percurso histórico dos sufixos –DOR e –NTE*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- MacDONALD, J. E. *The syntactic nature of inner aspect: a minimalist perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.
- NAVES, R. R. Aspectos Sintáticos e Semânticos das Estruturas com Verbos Psicológicos. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 1998.
- _____. *Alternâncias Sintáticas: questões e perspectivas de análise*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 2005.
- NAVES, R. R.; LUNGUINHO, M. V. *Aspecto e alternância causativa*. In: ENCONTRO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL (CELSUL), 8., Porto Alegre. *Handout* de apresentação, 2008.
- PACHECO, J. C. *A sintaxe das construções médias no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2006.
- PERINI, M. *Estudos de Gramática Descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008.
- PIRES, A. *The minimalist syntax of defective domains: gerunds and infinitives*. Amsterdam: John Benjamins, 1996.
- RAPOPORT, T. R. The English Middle and Agentivity. *Linguistic Inquiry* 30/1: 147-155, 1999.
- ROBERTS, I. *The representation of implicit and dethematized subjects*. Tese de Doutorado: Dordrecht, Foris, 1987.
- _____. *Comparative syntax*. London: Arnold, 1997.
- RODRIGUES, C. A. N. *Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no português do Brasil: um estudo comparativo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 1997.
- SALLES, H.; NAVES, R. O estatuto da preposição *com* em construções com alternância sintática. *Revista Polifonia*, Cuiabá, n. 17, p. 9-27, 2009.
- SENNA, L. A. G. Questões de transitividade. *D.E.L.T.A.* vol. 7, n. 2, p. 463-490, 1991.
- SMITH, C. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht etc.: Kluwer academic Publishers, 1991.
- SOUZA, P. C. de. *A alternância causativa no português do Brasil: defaults num léxico gerativo*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 1999.

- STROIK, T. Middles and Movement. *Linguistic Inquiry* 23: 127–137, 1992.
- _____. On middle formation: A reply to Zribi-Hertz. *Linguistic Inquiry* 26: 165-171, 1995.
- _____. Middles and reflexivity. *Linguistic Inquiry*, v. 30, n. 1, p. 119-131, 1999.
- TENNY, C. L. *Grammaticalizing Aspect and Affectedness*. Tese de Doutorado. MIT, 1987.
- TENNY, C. L.; PUSTEJOVSKY, J. *Events as grammatical objects: the converging perspectives of lexical semantics and syntax*. United States: CSLI publications, 2000.
- VAN OOSTEN, J. *The Nature of Subjects, Topics, and Agents: A Cognitive Explanation*. Indiana University Linguistics Club, Bloomington, 1986.
- VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.
- WHITAKER-FRANCHI, R. C. *As sentenças ergativas: um estudo semântico e sintático*. Dissertação de Mestrado. IEL-Unicamp, Campinas, 1984.
- YOSHIMURA, K. & TAYLOR, J. R. What makes a good middle? The role of qualia in the interpretation and acceptability of middle expressions in English. *English Language and Linguistics* 8: 293-321, 2004.
- ZWART, J-W. Nonargument middles in Dutch. *In Groningen Arbeiten zur germanistischen Linguistik*, 1997.